

EX-LIBRIS

BORBA
MORAES

RUBENS BORBA &
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

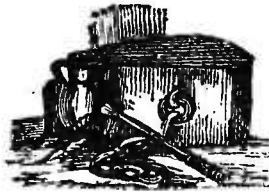
OS

MYSTERIOS DA ROÇA

POR

VICENTE FELIX DE CASTRO.

TOMO PRIMEIRO.



GUARATINGUETÁ,

TYP. COMMERCIAL DE V. R. DA FONSECA,

rua Verde n.º 27.

1864

DEDICATORIA.

AOS MEUS IRMÃOS E AMIGOS
FRANCISCO FELIX DE CASTRO,
REVERENDO ANTONIO DE OLIVEIRA E CASTRO,
CANDIDO DE OLIVEIRA E CASTRO,
JOÃO FELIX DE OLIVEIRA E CASTRO,
E A MEU SOGRO E AMIGO
FERNANDO JOSÉ DE OLIVEIRA LEITE,

O lisongeiro acolhimento com que foram recebidos pelo publico os meus toscos romances = A Filha do Mysterio = Hortencia = Flôr-da-Serra = e outros, animou-me a publicar = Os Mysterios da Roça = trabalho que não é isento de defeitos, e que vai ser submettido ao tribunal do povo, que o terá de julgar, e cuja sentença espero resignado.

Vos peço, meus irmãos e sogro, aceiteis o mesquinho fructo da minha pobre intelligencia. E' uma pequena prova da amizade que vos tem

Vosso irmão e geuro

V. F. DE CASTRO.

DUAS PALAVRAS.

Cheio de temor submetto ao tribunal do illustrado publico o meu singelo romance intitulado = Os Mystérios da Roça.

Humilde e resignado esperarei a sua sentença. Se elle o condemnar, então remetter-me-hei ao silencio e não mais escreverei. Será um sacrificio... mas terei forças para dominar essa vontade que me impelle para o mundo da litteratura.

É um protesto que faz

O AUTOR.

MYSTERIOS DA ROÇA.

PRIMEIRA PARTE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Os dois consocios.

Em uma das lindas e frias noites de luar do mez de Julho do anno de 185., serião onze horas mais ou menos, um vulto caminhava a passos lentos por uma das ruas da cidade de *** d'esta provincia de São Paulo, e parando defronte a uma casa de boa apparencia, ahi, á porta principal d'ella, bateu com mysterio trez pancadinhas compassadas.

Momentos depois, a porta abriu-se sem fazer a menor bulha, porque nem mesmo a chave havia rangido na fechadura.

O vulto entrou apressado.

A porta fechou-se immediatamente sem rumor.

Logo uma voz fallou baixinho com mysterio :

— Então arranjou-se o negocio?

— Oh lá, patrão! o negocio está na unha, respondeu outra voz com certo pronunciamento dos nossos caipiras.

Houve profundo silencio durante dois minutos, no cabo dos quaes, no corredor d'essa casa, um homem embuçado n'uma capa de panno, com gorro preto na

cabeça, appareceu ali trazendo uma vela de espermacete accessa em castiçal de casquinha.

O corredor estava illuminado, o vulto que havia entrado, estando ainda ~~tudo embuçado~~, disse encarando o homem de gorro :

— Abra logo a porta, patrão; aqui no corredor a *bixa*⁽¹⁾ pode ouvir-nos e nos trancafiar na *casa-fria*⁽²⁾.

O homem do gorro nada disse; e chegando-se á uma porta lateral, hêrmeticamente fechada n'esse corredor, tirou uma chave e abriu-a com toda a cautela.

Ahi entrou.

O vulto acompanhou-o.

Estavam n'uma pequena sala mobiliada, na qual se via uma porta de alcova.

— Adiante, patrão, adiante; olhe, vossuncê, que a casa-fria não é biscóito.

— Entremos então n'esta alcova.

E assim fallando o homem do gorro empurrou a porta e entrou.

O vulto tambem entrou.

Havia n'essa alcova um leito de cortinado e duas cadeiras de palhinha.

O homem sentou-se n'uma e ordenou ao vulto que se sentasse na outra.

— Priineiro, patrão, quero tirar o meu ponche e este chapéo que me tapa a cabeça; aqui a *bixa* não me *abixorna*.⁽³⁾

E com effeito o vulto tirou um grande ponche e

(1) A justiça.

(2) A cela.

(3) Abixorna — metter medo.—

seu chapéo preto de panno, cujas abas longas occultavam-lhe o rosto, e os poz em cima da cadeira.

Era um homem ainda moço, de estatura agigantada, magro, trazendo cumpridas barbas, que tomavam-lhe a metade do rosto; seus cabellos corredios cahiam ralos pela testa.

A physionomia e o todo d'esse homem era patibular; parecia-se mesmo com um gale fugido das prisões da capital da provincia.

Trajava calça de algodão azul e jaquetão de lã escura, de largas listras pretas; trazendo sapatos grossos de couro branco.

E logo tirando com todo o vagar um pequeno bôlo de fumo do bolso da calça, disse:

— Patrão; sem pichôa na boca não posso fallar.

E tirando um pedaço do bôlo de fumo, pôl-o na boca, guardando o resto: depois cruzou os braços no peito,

— Então, Senhor Gonçalo? perguntou o homem em tom mysterioso.

— Eu já lhe fallo, patrão; olhé, vossuncê, que a coisa sahio como se desejava; o *gurundy*⁽⁴⁾ botou para cá mil *priscos*.⁽⁵⁾ Que tal, patrão?

— Oh! oh! é uma boa somma, Sr. Gonçalo; não esperava tanto. Conte-me os promenores do negocio.

— Sim, patrão, escute vossuncê, continuou Gonçalo revirando a masca de um a outro lado da boca; como já lhe disse, o *gurundy* nos botou mil *priscos*; fui atraz do capitão João Antonio, e elle, sem mastigar, me contou o côco... aquillo é fazenda fina... é parceiro... palavra, patrão! não é atôa que dizem que elle tem muito dinheiro.

(4) *Gurundy*—escravo—

(5) *Prisco*—1\$000 rs.—

O homem do gorro sorriu e disse com significativa intenção :

— Senhor Gonçalo, eu bem conheço o capitão João Antonio... bem o conheço... elle interessa muito a nossa sociedade... e sempre que há *generos* á venda elle os compra ; é verdade que lucra cincoenta por cento, mas toda a carga da responsabilidade é sua — nós apenas temos n'ella pouca parte. Elle como gosa a amizade de todas as autoridades, sabe illudil-as; estas de nada desconfiam e o deixam traficar muito á sua vontade — nós lucrámos muito com esse homem... elle tambem lucra.

— Porém, patrão, retorquiu Gonçalo cuspiendo o caldo do fumo no soalho, o gurundy deu-me agua pela barba para caçal-o ; dava pinotes como um indiabrado... os cem priscos que me tocão, patrão, não paga o trabalho que tivemos... vimos bóias... trez noites a andar com olho vivo pela estrada... o pobre Feiticeiro quasi que ficou no caminho... suas gambias não tinham mais forças... estava botando a alma pela boca... só ganha cincoenta priscos... tão pouco... o patrão bem podia dar-lhe mais cincoenta... isto é uma tutaméa, não lhe faz falta... andarmos trinta leguas em trez noites... palavra, patrão, d'aqui á freguezia de Capivary é longe, pelo diabo !

— Senhor Gonçalo, não seja essa a duvida, dar-lhe-hei os cincoenta mil reis, mas com uma condição, que ha-de fazer brevemente outra empresa mais lucrativa ; esta foi pequena. Venha para cá o dinheiro, pertence-me oitocentos e cincoenta mil reis, delles lhe darei os cincoenta para o Feiticeiro.

Gonçalo logo tirou da algibeira um embrulho e apresentou a seu patrão.

Este desenrolou-o e contou as notas uma a uma,
Com effeito sommavão um conto de reis.

Tirou depois cento e cincoenta mil reis e deu a
Gonçalo, dizendo :

— Cem mil reis são seus e cincoenta do Feiticeiro.

— Isso diverte o parceiro, patrão. Vossuncê, então
quer que eu cace mais gurundys ?

— Com toda a brevidade, Sr. Gonçalo ; e se possível
fôr, por estes cinco dias... preciso muito de certa
quantia para um negocio de grande interesse.

— Palavra, patrão ! que estarei na picada antes dos
cinco dias... não só irá comigo o Feiticeiro, como o
Peito-cabelludo ; é um parceiro de dar e tomar... é
meu amigo velho... aquillo é marreco, pela manta do
tinhoso ! há muito tempo que largou do officio por ter
cumprido uma pena na casa fria ; porém, patrão, burro
que tem más manhas, nunca as perde, e assim o
marreco ha-de ser meu camarada: o que diz vossuncê ?
palavra que elle é parceiro !

— Faça lá o que lhe parecer, Sr. Gonçalo ; bem sabe
que os nossos negocios até aqui vão indo bem... fio-me
muito de sua pessoa.

— Deos lhe pague, patrão ; este seu camarada não
merece de vossuncê tanta honra, disse Gonçalo sor-
rindo ; palavra, patrão, que fiquei agora muito in-
chado.

— Pois bem, Sr. Gonçalo ; arranje lá o negocio e
depois trataremos de outras cousas, que muito nos
ha-de interessar.

E assim fallando o homem do gorro levantou-se,
dando a entender a Gonçalo que se retirasse.

Este logo o comprehendeu e disse, vestindo o ponche
e pegando no chapéo :

— Adeos, patrão; n'estes cinco ou seis dias aqui estarei, palavra!

E sahio da alcova acompanhado do patrão.

Chegando á porta da rua, esta abriu-se com cautela. Gonçalo sahio.

O homem do gorro fechou a porta com a chave.

Alguns segundos depois elle se achava só no interior da casa.

Era um quarto onde esse homem estava, ou para melhor dizer, um gabinete secreto. Havia ahi uma commoda de cabiuna envernizada, que se via n'um lado, e n'outro trez cadeiras americanas.

O homem puchou uma cadeira e sentou-se junto á commoda. Depois tirou o masso de notas do bolso da calça e novamente contou-as.

— Estão aqui oitocentos e cincoenta mil reis, disse de si para si com visivel satisfação. Já tenho quatro contos e quinhentos, e com esta quantia prefaz agora a somma de cinco contos trezentos e cincoenta mil reis... já não está má fortuna, bem podia dal-a a prémio, e por esta maneira o dinheiro reproduziria com facilidade; mas isto pode ser-me prejudicial, pode despertar suspeitas... me lembro ainda quando há um anno comprei esta casa, alguns falladores ahi pela cidade se importaram com tal compra, deram muito a taramella e admiraram-se em ver-me com dinheiro... eu que há dois annos nada tinha, e por conseguinte — nada era nesta cidade — o homem a quem chamavam — Valdivino — será d'aqui a um anno um commedador... um deputado mesmo, por que terei muito dinheiro.

E assim fallando comsigo, esse homem contou de novo as notas, acertou-as; e tirando uma chavinha

presa á um cordão preto ao pescoço, com ella abriu uma pequena gaveta da commoda, e ahi depositou o dinheiro, accrescentando ainda :

— Ahi vai oitocentos e cincoenta mil reis... quem sabe se d'aqui a cinco ou seis dias terei mais um ou dois contos de reis? — O Valdivino — por força que ha-de ser rico e mais tarde um commendador!

O homem, depois de ter guardado o dinheiro; fechou com cuidado a gaveta, tirou a chave e escondeu-a no peito por dentro da camiza, sahio do gabinete fechando a porta com a chave, tirou-a e dirigio-se a um aposento contiguo.

Benevolo leitor, parece-me já ver a impaciencia em que estais de conhecer essa personagem mysteriosa, que conta dinheiro a deshoras, e tendo relações com homens de physionomias patibulares e de baixa esphera.

Satisfazendo o nosso dever de historiador, só vos informamos que esse homem havia apparecido na cidade, sem que se soubesse d'onde elle tinha vindo; a principio intitulava-se medico homeopatha, porém o povo não lhe teve a mais pequena fé, e mesmo porque nunca fizera uma só cura pelo facilissimo systema de Hahnemann: depois, vendo que sua especulação não lhe sortia effeito, propalára pela cidade que era um habil professor de latim, francez e philosophia, e que como tal ia abrir uma aula, recebendo alguns alumnos. Com effeito realisou seu intento, porém apenas tendo quatro meninos, em dois mezes de ensino foram sufficientes para julgar-se o merecimento do professor. O homem pouco ou nada sabia; é verdade que tinha alguns principios de latim e francez, mas isso não lhe servia para ensinar a seus discipulos, cujos pais vendo que semelhante professor não era nada menos — que

um cavalheiro de industria — tiraram seus filhos, e assim o mestre de latim se desacreditára, e sua situação se tornou assustadora : esse homem julgava-se perdido : mil idéas de especulações enxameavam constantemente o seu pensamento : depois de muito parafusar no modo de vida que devia seguir, assentou de procurar uma senhora que morava á uma legua da cidade, viuva honrada e remedeada de fortuna, que tendo trez filhos já crescidos, gosava de uma vida commoda e regular ; com esta viuva, pois, passou-lhe a lembrança d'um casamento : era uma lembrança feliz e resolveu pô-la em obra, porque sendo elle um homem bem apessoado, tendo trinta e seis a trinta e oito annos, por certo que a viuva não o regeitaria, e tinha convicção d'isso, tanto mais que actuava ainda em seu espirito o ter ella passado a quadra da mocidade e entrado na da velhice ; contava os seus cincoenta annos.

Leopoldo de Campos (assim se chamava esse homem), principiou a frequentar o sitio da viuva ; e, quando julgou occasião azada para realisar o seu projecto, procurando alguns rodeios, concluiu pedindo a mão d'essa senhora ; porém sendo ella uma mulher de juizo, julgando que commetteria um erro em passar á segundas nupcias, foi logo patenteando sua recusa á semelhante alliança.

Leopoldo de Campos ficou desapontado, e sahio do sitio cheio de mãos pensamentos, porque tinha um coração inclinado ao mal.

Em caminho encontrou a Gonçalo, por alcunho o —Capador— que já era seu conhecido de há seis mezes. Este vendo a physionomia carregada e sombria de Leopoldo, perguntou-lhe por que ia assim zangado.

Leopoldo contou-lhe o succedido, dizendo afinal que cumpria empregar-se em um negocio, qualquer que fosse, para assim ter dinheiro. O Capador, nome por que era mais conhecido, fez então ver ao ex-professor que havia um negocio que dava muito lucro, mas que para se obter era preciso que a pessoa tivesse consciencia elastica, e se Leopoldo o quizesse, elle, Capador, de boa vontade seria o seu agente. Depois de conversarem por algum tempo convencionaram executar o tal negocio lucrativo, pondo por obra o projecto.

Tinham assentado commerciar em escravos, os quaes seriam tirados por Capador das casas de seus senhores.

Leopoldo pareceu ver diante dos olhos a agradavel perspectiva de risonha felicidade — pareceu mesmo ouvir estas palavras animadoras trazidas no sópro da brisa — tu vás ser rico e sem trabalho! —

A alma do ex-professor exultou de prazer, e então confessou-se amigo de Capador, e dirigindo-se á cidade julgava que tinha azas nos pés, porque não lhe molestava a arêa quente do caminho, e nem mesmo o sol de Outubro, que lhe queimava as costas.

O desgraçado homem não tendo animal, andava a pé.

O Capador foi ter á cidade com o seu novo amigo e consocio.

Quinze dias depois deram principio ao seu mysterioso negocio.

Sahiram bem da empreza.

A policia de nada sabia.

Um homem que morava no termo da cidade e

que occupava posto na Guarda Nacional, o capitão João Antonio era muito inclinado a comprar escravos de pessoas estranhas e suspeitas, e abusando da amizade que dizia ter ás autoridades do lugar, traficava muito á sua vontade, lucrando com tal negocio.

Leopoldo conhecia a João Antonio, e por esta maneira encaminhava o seu consocio Capador, tendo certeza que o capitão compraria os generos que lhe fossem offerecidos.

N'um dos capitulos seguintes, mais de espaço, nos occuparemos do capitão João Antonio.

Agora que satisfizemos o desejo do leitor, conduza-mol-o á uma rua da cidade, quasi despovoada, e ahi n'uma triste casinha de uma porta e duas janellas de rotulas, vamos ver um quadro cheio de consternação — a miseria d'uma familia ! —



CAPITULO SEGUNDO.

As consequencias de uma demanda.

A casinha tem uma pequena sala de fóra, e d'ella sahe um corredor que vai ter no interior em estreita varanda, tendo duas janellas que dão para o quintal, e bem assim se vê ahí um quarto, cuja porta está aberta, accrescendo ainda a pobre cozinha, junto á varanda, denegrida e toda esburacada.

O quintal tem algumaservas plantadas, apenas uma ou outra flôr se rega p'elle.

Descrevamos a pobreza que reina n'essa casinha.

São onze horas da manhã.

Na extremidade da varanda, sobre um estrado denegrido, tendo estragada esteira, e um travesseiro de algodão azul muito sujo e ensebado, descança a cabeça veneranda d'um velho enfermo, que soffre a paralytia das pernas.

Esse velho tem longas barbas, lão brancas como a neve, e seu rosto, apesar de cadaverico, é nobre e respeitavel: denota ter setenta annos mais ou menos. Suas vestes são rotas e estragadas.

Vê-se no olhar d'esse homem uma tristeza profunda, em cuja alma parece ralar alguma dôr pungente.

Esse ancião está em companhia de trez mulheres, miseravelmente vestidas.

A primeira é velha e terá pouco mais ou menos

sessenta annos. A segunda tem ainda um rosto sympathico e agradável, porém a melancholia se desenha n'elle. Esta moça denota ter vinte e oito annos : mostra soffrer com resignação a sua miseria, porque fia attentamente n'uma roda o algodão que tem junto de si, á alguma distancia do estrado do enfermo. A terceira, finalmente, é uma menina de treze para quatorze annos, bella e risonha como a rosa a desabrochar, tendo cabellos tão pretos como as azas do corvo, que descem abundantes em duas grossas tranças muito abaixo da cintura delgada e flexivel. Esta menina, sentada n'um banquinho denegrido, costura um vestidinho de boneca com indizível graça.

Mais adiante daremos ao leitor o retrato d'esta pobresinha, que vive satisfeita e risonha no seio da miseria !

— Vem cá, minha filha, vem cá, disse o ancião chamando a galante menina, em voz debilitada, vai buscar alguma cousa que comer... um pedacinho de pão... porque tenho fome.

— Coitado ! acudio a mulher idosa que se achava sentada aos pés do velho, remendando um roto vestido; não há nada, Senhor Simão... o pão que hontem á noite veio, acabou-se... mas...

— Olha, vovô, eu vou ali na padaria do visinho pedir um pão para você, disse a menina cheia de doçura ; esse bom homem m'o dará.

— Não, minha filha, não... murmurou o ancião em voz magoada, o padeiro caritativo já me tem feito muita esmola, continuar a pedir-lhe seria molestal-o.

— Ora, Senhor Simão ! voltou a mulher idosa em tom supplice, deixe que Maria vá buscar ao menos um pão... matará a sua fome.

— Minha pobre Luiza, para que importunar-se esse homem? Olha, Eugenia está acabando ali o seu trabalho, e logo que o conclua teremos alguns cobres para o pão.

— Meu pai, disse a moça tristemente, continuando a fiar o algodão, n'esta meia hora, ao mais tardar... o serviço estará concluído; mande a Maria buscar o pão, e depois se dará o dinheiro ao padeiro.

— Não, Eugenia, o bom homem, sempre que isso fazemos, regeita o dinheiro, mandando-nos o pão por esmola... isto me tortura... oh!...

E assim fallando em voz tomada de emoção, o velho soluça, e logo duas lagrimas de sofrimento se deslisam por suas faces cadavericas, que depois as enxuga com as costas das mãos, pronunciando ainda em voz dolorosa:

— Eu, que há oito annos vivia na abundancia — mendigo hoje uma esmola! Chegado ao ultimo quartel da vida, vejo-me n'este estado sem poder mover as pernas! — Meu Deus! a tua misericordia é infinita! tende compaixão d'esta desgraçada familia!

— Olha, vovô, não falle assim que me entristece; vou já n'este instante buscar o pão.

Assim fallando, a galante Maria, leve como uma penna arrebatada pelo vento, desaparece do seu lugar.

Espera! espera, minha filha! não vás... não...

— Senhor Simão, disse Luiza, que remendava sempre o vestido, tenha fé em Deus; — Elle nos ha-de soccorrer, os nossos padecimentos e pezares se hão de acabar...

— Acabar!... acabar!... murmurou com firmeza o paralytico ancião descrendo da bondade de Deus; jamais! em breve os meus soffrimentos se extinguirão na sepultura... ah, sim, o destino cruel não mais me perseguirá.

— Meu pai!... exclamou Eugenia parando um instante

e olhando ao pobre velho; não falle assim... tenha fé em Deos... sua bondade não tem fim.

— Ah! minha filha... infeliz... tu bem comprehendes o meu soffrer... a morte seria para mim um allivio... um grande beneficio, porque no estado em que me acho, sou inutil, não sirvo para nada. Olha, minha mulher, escuta, minha filha... eu pedirei ao nosso bom vigario que as ampare, e que procure um casamento a Maria... essa innocente menina, a quem chamão —Flór-de-Abril—; Deos a ha-de abençoar, como a abençoão todos os dias. Assim me promettendo o vigario, morrerei tranquillo...

Nesse instante entrava a linda menina trazendo n'um lenço quatro pães pequenos e um pouco de assucar embrulhado em papel, e depositando-o nas mãos de Luiza, que havia largado do serviço, disse-lhe com alegria:

— Vovó, olha como ganhei tanta cousa... quatro pães e assucar!... qué bom homem é aquelle padeiro!... elle me fallou que vovó nao soffresse fome, e que sempre ha-de nos dar pão.

— Meu Deos! pronunciou Simão juntando as mãos e erguendo os olhos, recompensae aquelle homem, que mitiga a minha fome! eu agradeço-lhe do fundo d'alma tanto beneficio.

— Minha filha, vai depressa buscar agua quente, disse Luiza á Eugenia; deixando ver no rosto o reconhecimento do coração pela esmola que recebia do padeiro.

— Sim, minha mãe, neste instante já a trago.

E Eugenia largando da roda foi á cozinha.

— Eu vou ajudar a mamã.

E Maria, risonha e satisfeita, acompanhou a moça.

— Abençoada neta! murmurou Simão sentando-se

com custo na triste cama da miseria ; esta pobrezinha é que me prolonga os amargurados dias alliviando a minha fome.

E o desgraçado velho, poudo ambas as mãos sobre a cabeça, curvando-a, permaneceu por alguns minutos, firmando os braços nas pernas paralyticas.

E Luiza o contemplou cheia de consternação, dizendo :

— Tenha paciencia, Senhor Simão, os nossos males se não de findar... diz-me o coração, que uma alma generosa ha-de vir nos soccorrer ; tenho fé n'esse presentimento.

— Se Deos quizesse ! accrescentou Simão resignado e levantando os olhos para cima.

Eugenia veio da cozinha trazendo na mão uma chicara branca com agua quente, e apresentou-a á sua mãe, dando-lhe tambem uma colherinha de estanho.

Luiza, pegando na chicara, deu um pão a Eugenia para que o picasse e o pozesse n'agua : feito o que a pobre mulher deu a chicara a Simão.

Este foi comendo o pão e bebendo a agua aos goles até acabal-a.

— Toma a chicara, Eugenia, disse elle depois de ter bebido a agua ; agora estou satisfeito ; Deos ha-de recompensar a esse bom homem que allivia os soffrimentos do desgraçado.

E tirando um lenço roto, que estava no travesseiro, limpou a boca, depois deitou-se e ficou silencioso, como quem scismava.

— Eugenia, não queres beber agua d'assucar com pão ? interrogou Luiza dando os pães e o assucar á moça, embrulhados no lenço de Maria.

— Não, minha mãe, não quero ; fica para logo mãis ; agora vou continuar o meu serviço.

E pondo os pães e a chicara sobre uma pequena meza já muito estragada pelo tempo, que estava n'um dos lados da varanda, sentou-se no seu banco junto á roda e recomeçou o trabalho.

— Então, vovô, já bebeu a sua água de assucar? disse Maria vindo do pequeno quintal, tão satisfeita e risonha como a felicidade.

— Já, minha filha... já... respondeu o velho cheio de amor á neta.

— Agora, vovô, vou acabar o vestido de minha boneca... ella ha-de ficar bonitinha com o seu vestido novo.

E a menina sorriu com jubilo infantil, e foi sentar-se no seu banquinho, recomeçando logo a costura.

Luiza havia continuado o seu serviço, assim que dera os pães a Eugenia.

Orientemos agora o benevolo leitor ácerca d'essa infeliz familia.

Era Simão Rodrigues um bom homem, remediado de fortuna, que passava uma vida feliz em companhia de sua mulher e de sua filha, morando n'um bello sitio no termo da cidade, no qual cultivava o café e a canna, tendo doze escravos soffríveis. Ali via elle correr docemente o rio de sua existencia; nada turbava o regaço de sua paz. Era estimado de seus conterraneos por sua capacidade e honradez. Havia comprado o sitio onde morava d'uns herdeiros do tenente F...., elles o venderam com duvidas, que mais tarde lhe deram grandes despezas, trabalhos e fadigas.

Esse sitio confinava com as terras da fazenda do capitão João Antonio, de quem Simão era inimigo por certa despeita que havia recebido d'esse homem. Este, sendo muito vingativo e de coração máo, assentou em

molestar ao seu honrado visinho, procurando-lhe toda a casta de vexames, até que afinal corroborou toda a sua maldade propondo uma demanda contra Simão, dizendo que o sitio d'este era seu, e que havia de provar com testemunhas no juizo competente, visto como os herdeiros do tenente F... venderam terras que não lhes pertenciam.

Simão Rodrigues, como honrado que era, resignou-se, mandando scientificar ao capitão que de nada se receiava. e que havia de pugnar por seus direitos, como lhe cumpria.

João Antonio, pois, déra principio á demanda ; isto se passava no anno de 1832, e o litigio sendo muito prolongado, afinal, a sentença foi dada contra Simão Rodrigues, que já havia gasto muito dinheiro, além das tribulações e decepções que soffrera.

O capitão ganhára a demanda com testemunhas falsas, que as havia comprado, gastando não pequena somma. E o juiz que déra a sentença... oh! este era um homem corrupto e venal! Simão apresentára titulos authenticos com os quaes provava ser senhor do sitio demandado, muito embora tivesse elle algumas duvidas sobre as divisas; e no entanto, o juiz máo, birrento, condemnou a Simão na restituição do sitio ao capitão João Antonio !!

Simão appellou de tão injuridica sentença para o Tribunal da Relação; porém de nada lhe servio esse recurso.

A sentença desse juiz corrompido foi confirmada.

Ainda no Rio de Janeiro, João Antonio gastára muito dinheiro...

E esse homem, á custa do ouro, havia triumphado !!

E quantas injustiças d'estas, benevolo leitor, não se têm dado por estes lugares!... quantas testemunhas falsas não decidem da sorte do homem, tirando-o do seio da felicidade para os braços da miséria!... Oh! revolta-nos ao pensar, nestes factos, que para nossa infelicidade se reproduzem constantemente!

Havendo Simão tirado dinheiro a premio para sustentar as despezas da demanda, depois de vencida esta, o honrado lavrador ficou alcançado, porque não fazendo conveniencia alguma, sem sitio para trabalhar, devendo já bastante, resolveu comprar outro sitio, porém muito pequeno, para onde, cheio de magôa, retirou-se com sua familia. Dir-se-hia que uma fatalidade perseguia o pobre homem, pois que dentro de trez annos perdera a metade de seus escravos, restando-lhe apenas seis, e ainda assim sujeito á uma hypotheca que havia passado á pessoa que lhe déra dinheiro a premio.

Apezar d'esses incommodos e prejuizos, Simão Rodrigues não perdia o animo, e trabalhava no seu pequeno sitio, esperando pagar a sua divida.

Mas ah! elle trilhava o caminhô da desventura, por isso que o credor, sem ter a menor consideração com o infeliz devedor, foi logo cedendo á uma proposição que lhe fizera João Antonio, vendendo a este a divida de Simão com algum rebate, e assim o desditoso passaria ainda por novos trabalhos e flagellos.

E com effeito, alguns dias depois d'essa transacção o honrado e malfadadô homem era executado por oito contos e quinhentos mil reis!

João Antonio, sedento de vingança, atirou-se contra Simão e penhorara-lhe, com prazer satânico, os escravos e o pequeno sitio!

O desventurado Simão esgotou até as fezes o calix da amargura!

Tão grande fôra seu soffrimento, que cahio doente em 1840, tendo passado oito annos de tribulações e dissabores, no cabo dos quaes, appareceu-lhe a paralyisia das pernas, que o atirou ao fundo da cama!

A desgraçada familia estava na maior miseria!

Simão, pois, vendo-se assim nesse estado terrivel e doloroso — pedia esmola para si e sua familia! —

Eugenia, que n'esse tempo tinha quatorze annos, trabalhava com sua mãe, porém o pouco que ganhavam, apenas dava para a despeza de dois dias.

Na cruel situação em que se achava o honrado Simão, jámais cahia de seus labios uma queixa contra o seu inexoravel destino, nem uma blasphemia contra Deos! soffria com evangelica resignação!

— Era a vontade de meu destino e por isso devia cumprir-se — dizia o pobre constantemente á sua boa mulher, que o não largava.

Mas, não bastavam-lhe tantos padecimentos; a mão da fatalidade ainda descarregára um ultimo golpe na alma dilacerada do enfermo!

Eugenia havia sido victima de um seductor!

A desgraçada moça ficára gravida, e o homem que a perdeu manchando a pureza de sua virgindade, havia desaparecido.

A infeliz quasi que enlouqueceu!

Contar ao leitor o que se passou na alma despedaçada de Simão, as crueis alternativas que lhe vinham a cada momento, da compaixão ao desespero, e d'este á maldição, os embates em que lutava a sua alma de pai, podendo n'um instante lançar ao abysmo uma fragil creatura, que não tivera forças para resistir ás caricias

é juras de um vil seductor; — nós o não podemos fazer com a penna porque não temos expressões para patentear esses sentimentos — só accrescentámos que sua alma de pai bondoso havia cedido ao impulso de humanidade—perdoando á filha peccadora, como Christo havia perdoado á Magdalena arrependida.

Era mais um nobre sacrificio que fazia o desgraçado Simão; elle que tinha por orgulho a honradez da alma, abatera-se resignado a tão degradante p̄rovação!

Em Abril de 1841, Eugenia dera á luz o fructo de sua leviandade. E o velho, ainda tomado de dôr e vergonha, perdoava á sua filha!

Alma grande e generosa, que bem poucas a imitarão!

Simão, pois, tivera assim uma neta, e elle mesmo lhe pozera o nome de Maria; e ao pegar n'ella, alguns dias depois que nascêra, a abençoára e seus labios se tinham á face tenra e assetinada da menina com verdadeiro amor de pai, então as lagrimas da emoção d'alma rebentaram nos olhos resequidos do velho e banharam suas faces venerandas, molhando tambem as da innocencia, que sahira do peccado.

Cousa inaudita! havia sentido nesse instante um allivio n'alma ralada de pezares; pareceu-lhe que seus males minoravam.

A menina fôra baptisada, sendo padrinhos o vigario da freguezia, e Luiza, que muito já queria a sua netinha.

Os annos se passaram tristemente para a infeliz familia.

Está continuava da mesma maneira, sem que o sorriso da felicidade lhe apparecesse para suavisar tantos padecimentos!

Simão vivia ás esmolos.

Maria já estava crescida, e era tão galante e risonha, que o vigário, seu padrinho, lhe pozera o poetico nome de —Flór-de-Abril— pelo qual foi por todos depois conhecida, e isto por ter a menina nascido em Abril.

Todas as pessoas que viam a Maria, tinham por ella muita sympathia e lhe davam dinheiro para levar a seu avô, pois que a menina não tinha pejo de pedir, e assim acudia as necessidades d'elle.

Algumas pessoas reparavam que Flór-de-Abril, já mocinha, sahisse á rua sem o menor escrupulo, mendigando esmolas para seu avô: mas como era muito interessante e meiga, todos a tratavam com bondade. Apesar d'isso, o pobre Simão receiava que algum incauto moço dirigisse palavras que offendessem os castos ouvidos da pobrezinha; porém como não tinha outro recurso, rogava em suas orações á Virgem Mãe de Deos, que protegesse a pobre menina, livrándo-a de todo mal. E o desgraçado homem tinha fé viva na Santissima Virgem.

E Flór-de-Abril vivia feliz no seio da pobreza! — tal era a ingenuidade de sua alma de anjo!

A casinha que descrevemos, havia sido dada temporariamente ao pobre Simão por uma alma bemfazeja e compadecida, que mais tarde daremos a conhecer ao leitor.

Deixemos agora esta familia, digna de toda a compaixão, e tratemos do capitão João Antonio, um dos personagens desta historia.

CAPITULO TERCEIRO.

O viajante mysterioso.

O capitão habita uma fazenda com grande cafezal, de que faz soffrivel colheita.

O aspecto d'essa fazenda é lindo e pittoresco.

A casa de vivenda é assobradada, porém de máo gosto, tendo em frente um grande terreiro, circundado de senzalas, algumas cobertas de telhas, e outras de sapé. O cafezal está plantado n'um grande morro, por traz da casa, pois que esta fica n'uma pequena elevação, tendo para o lado do quintal um grande laranjal; uma porteira fecha o terreiro dando para verdejante campina, onde pastam diversos animaes e aves domesticas, cortando pelo meio d'ella um ribeiro de aguas limpidas, que murmuram docemente. No fim d'essa campina vê-se uma capoeira em alto morro, no qual se avista tambem um estreito caminho que se perde mais ao longe.

E' o caminho que vai ter á cidade.

Entremos na casa do capitão João Antonio.

Estamos n'uma sala que não tem nada de decente, porque ella tem muitas saccas de café n'um dos seus cantos, assim como uma grande meza e alguns tamboretos denegridos, dispersos sem ordem.

As escravas do capitão, sujas e quasi nuas, escolhem

o café conversando umas com as outras, juntas á essa meza.

Gallinhas de pintos cacarejam tambem na sala com acõsumada liberdade, sujando-a como se fõra um gallinheiro.

Não faltam tambem ahí crioulinhos nús e encatharrados, uns que choram junto a suas mãis, agarrando-lhes nas saias, e outros que saltam por cima das saccas fazendo grande gritaria.

Eis a mobilia da sala do capitão!

D'ahi a pouco entra um homem de physionomia antipathica e sanguinea, com nariz de pimentão, fumando um cigarro, trajando calça de algodão azul trançado e um comprido collete de panno grosso, que por aqui se chama —surtum— calçado de chinellos grossos de couro branco — é João Antonio.

Elle teria quando muito cincoenta annos, por que seus cabellos ruivos já tinham não poucos brancos. Traduz-se em seu rosto vermelho e grosseiro a maldade do seu coração, por que nunca encara a pessoa com quem trata e olha para um e outro lado. Seus olhos são gateados e pequeninos, e a pessoa que os observar attentamente, logo conhecerá que o capitão tem uma alma viciada e cheia de falsidade.

Este homem sabe ler e escrever mal; suas idéas são rudes, por que sua conversação é insipida pelos termos grosseiros que n'ella emprega: no entanto há pessoas que gostam de o ouvir fallar e dizem que o capitão é homem de intelligencia! — E quereis saber porque, benevolo leitor? — Porque o homem tem fama de rico, assim é adulado pela maior parte dos habitantes da cidade, merecendo em quasi todas as eleições os

votos de seus compa-rochianos para os cargos de eleito-r e vereador !

E sua importancia é só dévida ao dinheiro, que diz possuir ! Ainda aqui há pessoas que pensam que o dinheiro é que faz a nobreza do homem : e ellas pensam bem, porque hoje se barateiam commendas, honras, titulos, etc. ; qualquer estúpido, só por importancia do ouro, desejando ser commendador ou barão, eil-o que obtem com facilidade ; no entanto que o homem de merecimento, que presta servicos ao paiz, que consome toda a sua existencia procurando a prosperidade d'elle, este, nem sequer recebe a mais pequena distincção ! — é um zero porque tem a infelicidade de ser pobre !

No nosso humilde pensar lastimámos que se dêem estas injustiças, olvidando-se o merito e distinguindo-se a ignorancia, que o ouro com o seu magico poder a illustra.

Deixemos de parte estas considerações que poderão massar ao leitor e tratemos do nosso capitão.

Este demorou-se alguns minutos na sala, presenciando o trabalho de suas escravas.

Os crioulos que faziam bulha, ficaram caladinhos e pareciam cheios de temor, alguns dos quaes se retiraram para o terreiro.

— Vejam lá, negras, disse o homem tragando o fumo do cigarro, se vocês não me dêem hoje todo este café limpo, as costas o pagarão !

As escravas olharam umas para as outras amedrontadas.

O capitão sabio logo da sala indo ao interior juntar-se á sua companheira.

João Antonio viera habitar no termo da cidade na

idade de trinta annos. Dez annos depois o homem já tinha escravos, um bom sitio, e gabava-se de ter dinheiro. Para todos que o conheceram em outro tempo, pobre como Job, por quanto elle apparecera na cidade, sem saber-se d'onde viera, era esta fortuna um tanto mysteriosa: diziam uns que o capitão fôra agente de algum moedeiro falso, por que de quando em vez apparecia por tempo de dois mezes do termo, e ignorava-se o lugar para onde ia; e outros faziam d'isto um mysterio; mas ao certo ninguem sabia como e por que modo fosse ganha tal fortuna. João Antonio, pois, era appellidado de —viajante mysterioso.—

Apezar d'esta suspeita do povo, este homem era bajulado por uma parte dos habitantes da cidade como pessoa de importancia, e tanto que logo lhe arranjaram um lugar de capitão na Guarda Policial, e mais tarde passou a occupar na Guarda Nacional o mesmo posto, assim como os cargos de eleitor e vereador da camara, e depois, á custa do dinheiro, obtivera um habito de Christo. Com tal honra ficára muito orgulhoso, esperando ainda ter uma commenda, pois que dizia que os homens ricos deviam ser commendadores para que assim fossem respeitados e tratados com distincção, por que do pobre ao rico há grande differença.

O capitão pensava por conseguinte em augmentar a sua fortuna, e de facto, alguns annos depois o homem estava rico e tinha mais de sessenta escravos! O sitio que usurpára do pobre Simão havia encorporado á sua fazenda e com isso ficára muito satisfeito.

João Antonio tinha uma mulher comsigo, porém não era casado, e nem tinha filhos.

Leopoldo de Campos, que era um dos bajuladores do capitão, n'uma noite em que se achava na sua fazenda,

presenciara este comprar um escravo de certo homem maltratado e de baixa condição, que lh'o vendêra por preço diminuto, fazendo assim desconfiar que esse escravo era roubado; mas o ex-professor de latim calou-se admirando ainda que o vendedor se retirasse sem passar o preciso papel de venda, tendo recebido do capitão a quantia que fôra ajustada.

Isto lhe pareceu mysterio, e o guardou na memoria.

Seria possível que um cavalheiro da Ordem de Christo, um capitão da Guarda Nacional comprasse escravos roubados?

Quem sabe?

A felicidade, pois, sorria a João Antonio, que pensava sempre no pomposo titulo de commendador.

Os poucos beneficios que fazia este homem era sô por ostentação e bazofia e nunca tivera no coração os bons desejos da alma generosa e sincera.

Seus instinctos eram máos.

Vejamos agora o que fazia esse homem junto de sua companheira.

Eles se achavam na sala de jantar, semelhante a que já descrevemos, differençando sómente o não ter ahí as escravas, crioules e saccas de café, mas as gallinhas n'esse lugar mesmo appareciam revolvendo o cisco, que parecia não ser varrido a mais de um anno.

Por certo que o nosso capitão já se havia familiarizado com as gallinhas de pintos, que sujavam a casa por toda parte, por que nenhum crioulo as enxotava para fóra.

João Antonio, com toda a indolencia, está deitado muito a seu gosto, n'uma suja rêde de algodão de quadros azues, presa a um dos angulos da sala.

Fuma um cigarro conversando com sua companheira,

Esta que é uma mulher um tanto feia, pallida; que tem cabellos ruivos, olhos verdes, e que está a negligê despenteada, denotando ter trinta annos, vestindo um paletot vermelho de lã, que a resguarda do frio, tambem fuma o cigarro sentada n'uma banca junto da rede do seu companheiro, a quem encara com certo ar laxo e significativos olhares.

Logo á primeira vista conhece-se que esta creatura é uma mulher perdida no vicio, porque seu modo, suas maneiras differem das da mulher honrada e virtuosa.

— Moça, disse o capitão tragando o fumo de seu cigarro e com voz orgulhosa, não sabes que vou ser commendador?

— Devéras, nho João? murmurou a mulher com accento acaipirado e mostrando-se admirada. Oh! como não será bonito ver-se no peito de nho João um penduricalho grande quando vestir a sua casaca de capitão? — Olhe, eu mesmo ficarei inchada... devéras, nho João!

Um sorriso de orgulho e satisfação secreta roçou pelos labios do capitão, que disse:

— Sim, moça, o homem rico faz tudo quanto quer; recebi uma carta do meu freguez lá da cidade do Rio de Janeiro, que me promette arranjar-tão grande honra; serei commendador, todos me tirarão o chapéo e dirão: — «Senhor commendador» — e eu, soberbo que nem um gallo, todo empavezado, a poucos darei palavra, porque sendo eu commendador, não poderei fallar a todos, por que serei fidalgo.

E o capitão ainda sorrio com orgulho.

— E eu, nho João, não serei sua mulher mesmo? interrogou a companheira, procurando com lepida meiguice arrebatat o capitão aos seus braços; eu que vivo na sua companhia há dez annos, aguentando as suas

impertinencias... devéras, nho João, mecê ás vezes era bem máo... só porque tinha alguma cisma de mim, cheio de canella, botava-me o relho nas costas, e eu que queria e ainda quero tanto a nho João, soffria por sempre pensar que mecê seria meu marido, e ha-de ser mesmo, e se for tão ingrato á sua companheira... então... veja lá, nho João...

Ora moça! resmungou João Antonio, como capacitando-lhe que seria seu marido, porque deu á physionomia certo ar amantetico, apesar dos seus cincoenta Janeiros.

— E' mesmo, nho João! se mecê me enganar, eu serei capaz de tudo, prosequio a mulher como ameaçando o capitão; mecê sabe d'uma coisa que...

O capitão assim ouvindo fallar a essa mulher, pareceu muito contrariado; e como não podendo supportar uma raiva que de repente lhe tomára o coração, disse com voz de trovão:

— Cala a boca, mulher! se me fallas mais por este modo, corto-te a chicote! olha lá, heim?!

A mulher ouvindo assim fallar ao seu companheiro, ficou amedrontada e calou-se, abaixando a cabeça.

João Antonio com semblante colerico levantou-se da rêde e sahio da sala, deitando com zanga a ponta do cigarrô ao lado da mulher em signal de ameaça.

Esta depois ficando só, murmurou baixinho, erguendo a cabeça:

— Sim, tu, sempre que te fallo n'aquillo, ficas zangado e me promettes chicote; pois eu te juro, meu homem, por Deos nesso Senhor, que se me enganares, tudo descobrirei... tudo... ou então não me chamarei Catharina!


E essa mulher, como se pronunciasse um juramento

de vingança, bateu com a mão direita sobre a esquerda, levantando-se logo da banca, foi para a cozinha, que ficava junto da sala.

Que mysterio será esse?

Mais tarde saberá o leitor.

Deixemos a João Antonio zangado com sua caseira, e levemos o leitor á uma pequena rua de casinhas ordinarias e insignificantes da cidade, rua deserta, por quanto a maior parte d'essas casinhas estam deshabitadas.



CAPÍTULO QUARTO.

A tasca do pai Indá.

São sete horas da noite.

Estamos n'uma vendinha ou tasca, havendo n'ella um candieiro estragado affincado á uma das paredes, cuja luz amortecida se derrama pelo pequeno repartimento, todo ennegrecido pela mão do tempo, onde se vê um balcão estreito, cuja taboa que serve de meza terá palme e meio de largura, com trez prateleiras arranjadas no fundo cheias de garrafas sujas de pó, tendo em cima do balcão um barril com torneira de páo, e sobre um prato de estanho vê-se seis a oito copos de diferentes tamanhos. No fundo d'essa tasca se acham tambem barricas velhas, algumas das quaes têm arroz, feijão e farinha. Caixos de bananas, maduras e verdes, pendem em cordas amarradas á uma grossa vara que atravessa o repartimento.

E' a tasca do pai Indá.

Para o lado de dentro do balcão se acha um velho de altura regular que mostra ter sessenta e cinco annos mais ou menos, maltrapilho, com os cabellos já quasi brancos, tendo barbas grisalhas tão compridas que vinhão parar ao peito; é magro, seu nariz muito curvado imita ao bico de papagaio, e quasi que chega á boca-torta, cujas labios estão sumidos pela falta dos dentes;

os olhinhos pardos d'esse velho, apesar de serem encovados, são ainda vivos e penetrantes.

Esse homem que é o proprio —pai Indá— dá palestra a meia duzia de freguezes, uns que bebem aguardente com physionomias satisfeitas e outros que esperam a sua vez de beberem.

A maior parte d'essa gente é toda miseravel e por conseguinte gente infimá. A luz baça do candieiro dá certo aspecto sinistro á tasca parecendo com um covil de ladrões e malfiteiros; ahí vamos encontrar o nosso conhecido Capador, que conversa com outro homem de cara de assassino, tendo barbas que lhe tomam parte do rosto; seu chapéo de palha na cabeça, lhe occulta parte d'ella; traça uma japona de baetão azul, tendo na mão um grosso porrete, e com os pés descalços.

O olhar d'esse homem é feroz e audacioso. Sua camiza que está desabotoada deixa ver um peito póvoado de cabellos.

Este homem é o —Peito-Cabelludo.—

Escutemos a conversa do Capador com este, que o ouve attentamente n'um canto da tasca, afastados dos outros freguezes.

— Olha, Peito-Cabelludo, preciso muito de ti.

— Temos algum mocotó, Capador?

— Palavra! que é negocio de mocotó, volveu o Capador sorrindo cheio de confiança no seu amigo; temos de dar caça a dois gurundys, e....

— Oh! oh! fez Peito-Cabelludo como admirado.

— Tens medo então?

— Nada me abixorna; tu bem sabes que eu sou companheiro de dar e tomar!

— Palavra! que o és, Peito-Cabelludo; mas a bixa....

— A bixa?! e que me importa a bixa? zombi d'ella, resmungou o amigo do Capador mostrando desprezo.

— Pois já que a bixa não te abixorna, vamos á coisa. Como te ia dizendo, preciso muito de caçar dois gurrundys, porque o dinheiro já me vai faltando.

— Ah! já sei, queres que te ajude a caçar esses passarinhos, disse Peito-Cabelludo sorrindo como refinado tratante; pois se tu me botares para cá uma boa quantia, serei parceiro.

— Palavra! eu te darei muito côco.

— E aonde é a caçada? interrogou Peito-Cabelludo com interesse.

— Olha, parceiro velho, a caçada é longe, é d'aqui a vinte leguas; lá para as bandas da cidade de P***, voltou o Capador com ar mysterioso.

Peito-Cabelludo passou a mão direita pela barba espessa, e depois quedou-se um instante.

Reflectia.

Em quanto isso, o Capador tirou da algibeira do seu jaquetão de lã a sua bola de fumo; d'ella cortou uma masca com a unha do dedo pollegar e pôl-a na boca, saboreando-a.

— Está bom, Capador, accrescentou Peito-Cabelludo mostrando-se receioso; eu te ajudarei, mas olho vivo com a bixa! tu bem sabes que morei algum tempo lá na gaiola.

— Cala a boca, parceiro! não acorda a quem dorme; sim, a bixa dorme muito descansada na sua tóca, e nós cá, palavra! fazemos a nossa caçada, assim em ar de quem não quer couves.

E o Capador sorriu satisfeito de si mesmo.

— Mas, accrescentou Peito-Cabelludo com curiosidade, o dinheiro dos passarinhos é todo para ti?

— Oh! não, parceiro, acudio o Capador apressado, a maior parte do côco é para o patrão Leopoldo, que tu o conheces, mas eu...

— Então, tu trabalhas para o bispo, Capador?

— Trabalhar para o bispo!? retorquiu o Capador em tom sarcástico, eu dar ponto sem nó! Tu pareces que não me conheces! Olha, eu sei levar a coisada, espero crescer bem, depois quando for tempo... záz! — que o homem está no apá, palavra!

— Não te entendo, Capador; os diabos me mélem!

— Ora, não me entendes?

— Estou em jejum, Capador.

— Está bom, parceiro, depois saberás; agora só te digo — que o mocotó é gordo, e... boca calada se queres ter côco.

— Tópo!olveu Peito-Cabelludo resolutivo; e quando é o diá?

— Amanhã, sem falta.

— Está dito, Capador! sou raposa velha.

E os dois tratantes se metteram entre os freguezes da tasca.

Contemos aqui ao leitor quem é o —pai Indá— visto que não podemos ainda oriental-o sobre esse plano mysterioso que o Capador ajustava com Peito-Cabelludo:

O pai Indá é viuvo e de pessima conducta; por mais de uma vez, no jury, tem cruzado o banco dos criminosos, já pelos furtos que tem feito, e já pelas brigas e rixas que tem tido com alguns de seus freguezes; é muito dado á valentia e cheio de fumaças, como se diz aqui do individuo bazofio, que jacta-se de valentão.

O pai Indá é descendente de ciganos, chama-se

Matheus, mas é conhecido na cidade por aquelle appellido, que lhe proveio de um purgante de fructo de — indá-guassú — que quasi o mandou para a sepultura; então, depois que se restabelecera, dizia sempre que o *indá* o ia alimpando, e assim o chamáram — pai Indá — nome que aceitou sem dar o *cavaco*.

Este velho é falso como o proprio Judas; sua tasca é frequentada por individuos de baixa esphéra, muitos dos quaes já tem andado pelas prisões publicas.

O pai Indá teve n'outro tempo relações com uma mulher da ralé, que era má creatura; havendo commettido um furto na cidade fôra por isso processada, soffrendo do jury a pena de dois annos de prisão simple, finda a qual passou novamente para a companhia do oigano Matheus.

Era uma mulher perdida e calejada no vicio, e conhecida pelo nome de — Cegonha — por ter repugnante physionomia.

A Cegonha tem a mesma idade que o pai Indá, e vive em sua companhia, e quando este não apparece na sua tasca, é aquella que despacha os freguezes.

Esta mulher, sob a veneranda capa da velhice, entra em algumas casas de gente honrada e cheia de lamurias, como se fôra cigana, vai pedindo tudo quanto lhe vem á idéa; é, finalmente, uma velha perigosa no seio de boa familia; infeliz d'aquella que lhe der entrada! Deós a livre d'ella!

No correr d'esta historia o leitor ficará conhecendo perfeitamente a maldade da Cegonha.

Entra na tasca mais um individuo de physionomia sinistra e patibular, todo esfarrapado e descalço.

E' o — Feiticeiro — consocio do Capador.

Este homem terá cincoenta annos mais ou menos,

muito alto e quasi se parece com um esqueleto ; sua epiderme tem a côr de bronze. Seus cabellos hirtos são negros e os traz pelo pescoço cahidos, tendo um manojó de barbas no queixo.

— Oh! voltou o Capador admirado, também vieste beber o teu pingorio, Feiticeiro? ainda há boçado te deixei lá no teu buraco.

— Oh lá, Capador! a companheirada hoje está áferta! disse Feiticeiro com voz grossá, e sorrindo hediondamente.

— Olha, Feiticeiro, acudio Peito-Cabelludo á meia voz, sahindo dentre os outros freguezes, se a bixa hoje espichasse a cabeça, fazia colheita grossa: os diabos me levassem aos quintos se isso não nos abixornasse!

O Capador sorriu com a lembrança de seu consocio e murmurou:

— Já te disse, Peito-Cabelludo, que a bixa dorme.

— Então, companheiros, retorquiu o Feiticeiro mettendo-se entre esses homens, uns que bebiam e outros que fumavam cigarros; já que aqui estamos, chupitemos um pingório do pai Indá.

— Escoramos o parceiro, disseram o Capador e Peito-Cabelludo ao mesmo tempo.

— Oh lá, pai Indá! uma pinga ao Feiticeiro.

— Oh! voltou o dono da tasca encarando o seu novo freguez; temos aqui o Feiticeiro? Olha, meu caveira, hoje tenho uma historia para te contar: vieste mesmo de encaxe; mas primeiro benze-te com a pinga.

E o cigano chegando um copo á torneira do barril, encheu-o e apresentou-o a Feiticeiro, acrescentando:

— Bebe, e depois te quero contar a historia.

— Toma lá, Capador, bebe um pancão.

Este bebeu e sacudiu a cabeça, passando o copo a Peito-Cabelludo.

Por sua vez também o amigo do Capador, dando um estalo com a boca, disse:

— Com os diabos! esta é da boa!

E entregou o copo a Feiticeiro, que fallou assim, benzendo a aguardente:

— Bebida que faz milagres, venha cá para o bicho.

E virou toda a cachaça, accrescentando:

— Toma lá, pai Indá, o copo está limpo; sou mestre do officio.

O cigano retorquiu logo encarando o Feiticeiro:

— Olha, esta noite tive um sonho contigo.

— Vamos a elle, pai Indá, vamos a elle.

— Sim, volveu o Capador chegando-se ao balcão, conta-nos esse sonho.

Peito-Cabelludo também se chegara ao balcão.

Os outros freguezes se juntaram como interessados no sonho.

— Feiticeiro, proseguio o pai Indá, esta noite fui ao inferno a cavallo nas tuas costas...

— Nas costas do diabo que te carregue, murmurou o Feiticeiro rindo hediondamente.

— Sim, fui nas tuas costas lá á casa do Pedro Botelho, e por signal que ainda tenho as pernas cançadas de tantas esporadas que te dei, porque estavas muito sendeiro...

— Sendeiro!... vá elle! acudio o Feiticeiro dando uma gargalhada.

— Oh! interrompeu o Capador rindo-se, já sei que o parceiro é bom para montaria.

— Deixa o pai Indá contar a sua historia, Capador, volveu Peito-Cabelludo gostando de ouvir as pilherias do cigano.

— Como te ia contando, continuou o proprietario da tasca levando os olhinhos ao rosto hediondo do Feiticeiro; amontado em ti, depois de dar mil voltas por caminho que era todo cheio de solavancos, bibocas e buracos, subindo e descendo, empoleirado sempre em ti, cheguei ao inferno e fui recebido pelo diabo mais velho, que botou-me ticoadas velhas, záz para ali, záz para acolá— bumba-cátumba— quasi que o senhor diabo deu-me cabo do canastro. De repente olhei a caldeira do senhor Botelho, em que se cozinhava gente como terra! e toda essa gente botava fogo pela boca e pelo nariz, e os olhos então, Feiticeiro! os olhos eram dois buracos como os teus, medonhos! N'um instante te vi agarrado por uma chusma de diabos e diabas, todos com caudas de cabras, e té levaram ás profundezas das cavernas do inferno.

— Vá elle! resmungou o Feiticeiro fazendo uma careta.

— Estou gostando da historia, pai Indá; adiante.

— Olha, Capador, lá no inferno tem gente como formiga!

— São os ricos que lá morão, disse Peito-Cabelludo fumando grande cigarro.

— E' verdade, retorquiu o cigano, lá n'aquella formigada conheci o nosso capitão João Antonio e as testemunhas que juraram na sua demanda, e com estes olhos que a terra ha-de comer, vi o juiz que deu a sentença contra aquelle pobre Simão; estava com uma bolsa grande e muito cheia nas mãos. Uma banda de demonios, com grandes torquezas de fogo, cortavam pedaços de sua carne: fiquei cheio de medo e quiz fugir, mas as pernas não tinham sebo para correr; tudo me parecia certo; conheci perfeitamente aquelles homens,

vi ainda tantas cousas, Capador, que já não me lembro agora; quando acordei, eu que sou valentão, estava a tremer como varas verdes.

— Olha, pai Indá, se tu contasses este sonho ao capitão... heim! heim!... murmurou o Capador com mystério; aquelle homem é parcei-ro velho, palavra!

N'esse instante soavam oito horas no sino da cadeia.

— Oh! oh! disseram alguns freguezes sahindo á porta da tasca; não tardará ahi a patrulha.

— Feiticeiro, volveu o Capador, eu mudo-me por aqui para não encontrar os *morcegos*.^(*) Adeos, pai Indá.

— Adeos, pai Indá, repetiram tambem Peito-Cabeludo e Feiticeiro retirando-se.

— Voltem logo, disse o cigano, sahindo fóra do balcão.

D'ahi a pouco a taverna estava desoccupada¹¹ dos freguezes.

O seu proprietario fechára logo a porta.

(*) *Morcegos* — soldados.

CAPITULO QUINTO.

Soccorro mysterioso.

Voltemos á casa do pobre Simão.

São já passados oito dias depois da scena que descrevemos da triste familia do infeliz velho.

Simão continúa da mesma maneira no seu miseravel leito, porém está sentado e conversa com um padre de character nobre e bondoso, cuja physionomia grave denota ter elle sessenta annos.

E' o vigario da freguezia.

Luiza está aos pés de seu marido e escuta attentamente a conversa agradável do ministro de Deos.

Eugenia e Flôr-de-Abril tambem o escutam, sentadas quasi jntas do vigario sobre uma esteira.

O sacerdote occupa o banquinho de Maria.

Esta está sempre risonha como a propria felicidade, fixando a seu padrinho.

— Senhor Simão, disse o padre gravemente encarando o enfermo, venho dar-lhe uma grata noticia.

— Sim? murmurou o triste velho com forçado sorriso.

Luiza e Eugenia ficaram sobresaltadas ouvindo as palavras do ministro.

— Uma alma generosa e compadecida dá-lhe a mensalidade de sessenta mil reis por tempo indeter-

minado; assim os seus padecimentos seram suavizados.

— Meu Deos! Meu Deos! exclamou o paralytico pondo as mãos tomado de emoção, e deixando cahir dos olhos duas lagrimas de reconhecimento.

— Oh! Mãe Santissima! accrescentou a boa Luiza pondo tambem as mãos.

— Deos nunca abandona a quem soffre, volveu Eugenia sempre melancolica.

— Vovó, disse por seu turno a galante Maria com ingenuidade, abençoado seja o padrinho que nos vem trazer dinheiro. Vovó, você agora ha-de sarar por que vamos ter fartura.

O bom do vigario escutava consternado as verdadeiras expansões d'essas almas que padeciam; e com voz commovida ainda repetio:.

— Sim, senhor Simão, um homem beneficente e generoso dá-lhe sessenta mil reis para a subsistencia de sua pobre familia.

— Meu Deos! Meu Deos! Será possível!... parece-me isto um sonho!... tão grande esmola!... exclamou Simão como fóra de si, com os olhos fixos no vigario.

— Não lhe disse, senhor Simão, que o coração me advinhava uma boa noticia?

— E' verdade! é verdade! minha boa mulher, perdôa-me; eu duvidei de ti, continuou o enfermo com os olhos ainda molhados pelas lagrimas da emoção.

— Agora, mamã, volveu Flôr-de-Abril sorrindo a Eugenia, eu não sahrei mais á rua, porque o vovó já não precisa de esmolas; o padrinho lhe trouxe dinheiro, como não seremos felizes! olha, estou muito contente.

— Sim, minha querida filha, pronunciou o vigario

em tom grave porém cheio de bondade, eu sou quem darei o dinheiro ao vosso avô: todos os mezes, se Deos não mandar o contrario, aqui trarei sessenta mil reis. De hoje em diante contar-se-hão os mezes: trouxe ja aqui a quantia do primeiro mez.

E tirando do bolso da sua batina um massinho de notas, deu-o ao pobre velho e acrescentou:

— Eil-a, senhor Simão: de hoje em diante não soffra mais necessidades.

— Senhor vigario, disse o paralytico recebendo o dinheiro, não poderei saber quem é a boa alma que de mim se compadeee? quero agradecer-lhe tão grande esmola.

— Meu amigo, não o posso satisfazer; é um mysterio que eu mesmo não posso penetrar-o.

— Mysterio, senhor vigario?!

— E' verdade, um mysterio — por que não se conhece a mão beneficente que o soccorre, senhor Simão?

— Meu Deos! murmurou este, o que significará isto?!

— E' a Virgem Santissima que nos soccorre, volveu a pobre Luiza cheia de fé.

— Sim, meu pai, acrescentou Eugenia procurando tranquilisar a Simão, há muita gente caritativa no mundo que dá esmolos e esconde a mão que beneficia.

— Tu pensaste bem, minha filha, balbuciou o velho olhando o masso de notas que tinha nas mãos.

— Deos ha-de recompensar a boa alma que nos soccorre, retorquiu ainda Luiza reconhecida.

— Mas, senhor vigario, continuou Simão como quem supplicava, ao menos tenha a bondade dizer-me duas palavras sobre este mysterio.

— Meu amigo, eu lhe explico, porém confusamente; a carta que lhe vou mostrar o tranquillizará.

E o padre tirando-a do bolso, abriu-a e acrescentou:

— Hontem pelo correio recebi-a; é fóra de toda duvida que é escripta por um homem generoso e de alma nobre. Eil-a, senhor Simão.

— Senhor vigario, tenha a bondade de a ler, eu o escutarei com attenção.

— Pois não, meu amigo.

E o sacerdote leu a carta assim concebida:

« Reverendissimo senhor vigario.— Sei com certeza
« que uma honrada familia, que em outro tempo
« vivia feliz e satisfeita, hoje, nos braços da pobreza,
« soffre privações e miserias, porque um homem máo,
« orgulhoso e pertinaz usurpára, pelo poder do
« dinheiro, o sitio onde essa familia morava, e o
« pobre Simão tendo esgotado o seu direito, ficára
« reduzido á mendicidade.

« Todo o meu prazer, todo o meu desejo hoje,
« senhor vigario, cifra-se só em ser prestavel ao
« meu proximo, por tanto, eu, que tenho algum co-
« nhecimento d'essa infeliz familia, que sei que o
« desditoso Simão fôra victima do capitão João Antonio,
« d'esse homem vingativo e máo, que vive na abun-
« dancia; eu, pois, que sou rico e não tenho orgulho
« d'isso, deliberei, de hontem para hoje, dar ao des-
« graçado velho uma subsistencia mensal de sessenta
« mil reis, quantia que lhe será entregue por inter-
« medio de V Rvm.^a, a quem agora envio a
« primeira remessa.

« Este pequeno beneficio que faço, ficará por algum
« tempo em mysterio; mais tarde o velho Simão

« conhecerá a mão que suavisa os seus infortúnios,
« e então me agradecerá.

« Conheço bellamente que V. Rvm.^a tem alma nobre
« e bemfazeja; prestando-me este serviço e obsequio,
« e dia chegará em que romperei o véo d'esse mysterio
« e então V. Rvm.^a ha-de conhecer-me.

« Anonymo.

« Cidade de J., 21 de Julho de 185... »

— Caíam as bênçãos de Deos sobre esse homem
que soccorre a minha infeliz familia! pronunciou o
reconhecido velho em tom de declamação.

— A Virgem Mãe de Deos que o encha de suas
graças, murmurou Luiza com emoção.

— O grande beneficio que esse homem, quem quer
que seja, nos faz, accrescentou Eugenia deixando ver
atravez de sua melancolia passageira satisfação da
alma, Deos o ha-de recompensar.

— Senhor Simão, disse o vigario commovido pelo
quadro tocante que tinha diante dos olhos, Deos
summamente bom e misericordioso, vem sempre em
auxilio do pobre, que triste soffre os trabalhos do
mundo; se não fôra a sua constancia, se não exper-
imentasse cheio de resignação as vicissitudes porque
passou, por certo que sua alma não seria christã e
deixaria de ter a recompensa do Deos Clemente, que
ora o soccorre por uma mão mysteriosa. Elle, pois,
está satisfeito da paciencia do christão. O horizonte
de sua vida, senhor Simão, até aqui carregado de
negras nuvens, vai ficar limpido e puro, e a bonança
então lhe soprará n'atma a paz e a felicidade; por
que para bem aquillatar-se os gozos d'esta é preciso
ter-se muito padecido.

« Agora, meu amigo, não pense mais n'essa situação

de dôres que lhe dilaceram o coração ; imagine só em Deos e na paz que vai fruir no seio de sua familia ; os momentos da vida pãssam. velozmente ; ella attingirá ao seu fim ; assim estenda o véo do esquecimento por esse passado doloroso.

E o ministro de Deos exprimindo-se por esta maneira, fôra logo comprehendido por Simão. que ainda soffria, máo grado seu, no mais recondito do peito uma ferida que lhe sangrava.

Apezar d'isso, o pobre velho olhára cheio de compaixão a sua desditosa filha, e depois erguera os olhos para cima, como pedindo a Deos que a perdoasse.

O mal da pobre Eugenia não tinha remedio, e por conseguinte a indulgencia e a resignação deviam superar no espirito do pai honrado e virtuoso esse justo sentimento que tivera, porque ainda amava a filha.

— Vinde aqui, minha querida filha, quero vos dizer duas palavras, accrescentou o padre chamando bondoso a sua afilhada.

Maria, docil e obdiente, foi aos braços de seu padrinho.

— Olhai, minha querida Flôr-de-Abril, pronunciou o sacerdote com voz grave, de hoje em diante, eu vos peço para não saíres sósinha á rua, estais já com quatorze annos ; há moços ahí por esta cidade, tão desmoralisados que são capazes de commetterem accções indignas, desrespeitando a innocencia, essa flôr pura e perfuniada, que muitas vezes murcha e fenece ao contacto impuro do joven incauto e audaz. Sois, pois, innocente como um anjo de Deos, e vos rogo em nome do mesmo Deos, que sejais sempre pura, sabendo conhecer o bem e o mal ; então a voz de vossa alma virtuosa ha-de achar echo no mundo da verdadeira felicidade, e o Ente Supremo vos terá assim recompensado. Eu te abençõo, minha

querida Maria, em nome da Santissima Mãi de Deos, que vos livrará de todo o peccado.

E o ministro da religião tendo abençoado com a mais viva e santa fé a galante Maria, levantou-se pegando no seu chapéo de abas largas, que se achava em cima da pequena meza, e disse :

— Adeos, senhor Simão, tranquillise a sua alina, tenha fé em Deos que é o nosso pharol na terra e a esperança da outra vida.

— Pois já, senhor vigario ? tanta pressa ?

— Sim, meu amigo; é tempo de retirar-me, permittame pois licença.

E o padre apertou cheio de affecto a mão descarnada do enfermo, depois do que despetio-se de Luiza e de Eugenia.

E virando-se para Flór-de-Abril com amor :

— Minha querida filha, as graças de Deos desçam sobre vós.

E a meninha beijou desfeita em alegria a mão sagrada de seu padrinho.

Este sahio com ar austero e grave, sendo acompanhado por Eugenia e Maria até a porta da rua.

Desnecessario é contarmos ao leitor a satisfação que ainda tiveram Luiza, Eugenia e Maria ao presenciarem o enfermo contar uma a uma as notas que tinha nas mãos, pois que o vigario lhe déra os sessenta mil reis em notas quasi todas de cinco mil reis.

E logo pensaram n'uma nova vida mais suave e comoda que aquella que até aqui tinham tido.

Simão e Luiza pois se combinavam.

Eugenia tinha sempre a melancolia no semblante.

Flór-de-Abril pensava em suas bonecas.



CAPITULO SEXTO.

A esposa adúltera.

Estamos n'uma sala decentemente inobiliada e pintada, com luzes em cima de aparadores.

São oito horas da noite.

Esta casa pertence a Epiphanio de Mattos.

Este joven que se acha recostado na sua cadeira de braços, fumando com todo o prazer um bom charuto, conversa com outro mancebo, que poderá ter quando muito vinte e seis annos, bem trajado, de estatura alta, physionomia regular e agradável, de olhos castanhos e cabellos pretos.

Epiphanio terá vinte e dois para vinte e quatro annos, moreno, de rosto sympathico e bello; mas elle denuncia um d'esses jovens perdidos no vicio, por que os traços da vida laxa e desregrada se desenham por seu semblante pallido e emmagrecido.

As orbitas de seus olhos pardos, grandes e languidos são roxeadas e seus labios descorados. O rosto é sombreado de macia e preta barba, cujo bigode fino se retorce com graça nos cantos da boca graciosa.

Sua fronte alta e espaçosa é corôada de cabellos pretos e finos, cuidadosamente penteados.

Epiphanio fôra herdeiro de uma boa fortuna que lhe deixára seu pai, Manoel de Mattos, fallecido há

annos, mas o joven quasi que a tem consumido na vida de lascivos prazeres e no jogo, do qual é muito fanatico.

Manoel de Mattos, que era um honrado negociante da cidade, quizera dar uma bella educação a seu unico filho mandando-o estudar em S. Paulo; porém Epiphanio não tinha a menor vocação para o estudo, e por isso n'aquella capital gastava sem economia o dinheiro de seu pai, não aproveitando o ensino, entregando-se á indolencia, ao jogo e a desregrados deleites. O joven estivera quatro annos ali, no cabo dos quaes o negociante o mandára buscar, porque as despezas eram excessivas.

Dois annos depois Manoel de Mattos fallecera e Epiphanio ficara herdeiro da metade da fortuna de seu pai, dando-se outra metade a sua mãe, senhora respeitavel, que poderia ter quarenta annos mais ou menos.

Apezar de ser Epiphanio um joven esbelto e sympathico, até a data em que se passa esta historia, ainda não tinha achado um casamento que lhe conviesse; o joven queria uma moça com quarenta ou cinquenta contos de reis de dote; elle a encontrava mesmo no termo da cidade e nos lugares visinhos, mas sua fama de moço desmoralizado, corria por toda parte, e assim a sua pertença era sempre frustrada.

Epiphanio, pois, vendo desprezado o seu intento, e tendo esgotado quasi toda a sua herança, nada menos que quarenta contos de reis, escogitava um meio de rehavel-a, pedindo para isso o conselho de Fabricio de Almeida, um dos seus amigos, moço tambem jogador e viciado, que havia sido seu inseparavel companheiro no jogo e que o ajudára a espediar a sua fortuna.

O amigo de Epiphanio era solteiro e se empregava no fóro da cidade como solicitador de causas, tendo para isso intelligencia. Dois vicios não o deixavam: o jogo e a frequencia de más companhias; apesar de ser Fabricio de Almeida filho d'um honrado homem, que tinha alguma importancia na cidade, todavia, desde a mais tenra idade fóra acostumado na companhia dos rapazes devassos, porque seu pai fazia-lhe todos os gostos, tanto assim que o deixára só na cidade em casa de uma pobre mulher, sua parenta, para aprender o latim e francez na aula publica.

Fabricio frequentava a aula, e pouco aproveitava o ensino por causa dos seus passeios nocturnos em companhia de Epiphanio e de outros rapazes, em cujos passeios se pervertia. Débalde a mulher que tratava de Fabricio fazia-lhe ver que seu procedimento era máo e que muito o desmoralisava, porém o joven que n'esse tempo tinha dezoito annos, não se importava com os conselhos da boa mulher, que era sua tia em segundo gráo por afinidade, proseguia muito á vontade no caminho da perdição, sem o menor receio de seu pai.

Um dia a paciencia d'este esgotára-se, e assim tirára Fabricio da aula levando-o para a roça; mas nem ahí mesmo o joven se esquecia dos seus companheiros, e rara era a noite que não viesse á cidade a deshoras, estragando os animaes de seu pai, pois que medeiava a distancia de duas leguas da povoação ao sitio, e por consequencia andava quatro leguas em cada noite.

O pai dava sempre bons conselhos ao filho; porém clamava no deserto: o joven não ouvia as acertadas reflexões do autor de seus dias; eram-lhe indifferentes.

Fabricio attingindo aos vinte e um annos, pedira a seu pai que lhe consentisse tratar da vida, pois que tendo idade para isso, sua vocação era para o fóro, e n'elle contava empregar-se na cidade com algum lucro. O pai consentio no pedido do filho, não querendo contrariar o seu desejo, e fez-lhe ainda judiciosas reflexões, dando-lhe um conselho de verdadeiro amigo.

O honrado homem tinha casa na cidade, e de bom grado déra-a a seu filho, dando-lhe mais uma escrava para o servir

Seis mezes depois Fabricio já tratava de algumas causas, e mostrava habilidade, porque tinha, como sabe o leitor, alguns principios de latim e traduzia o francez.

Mas o vicio do jogo o perdia; e em companhia de Epiphanio, que era o seu amigo do coração, achava-se sempre nas casas de jogo, e raras vezes ganhava.

Já dissemos que dois vicios não deixavam a Fabricio.— o jogo e as más companhias; mas elle nos deveres de seu emprego era circumspecto e assiduo, e por isso adquiria a estima dos advogados que lhe confiavam seus feitos.

Se não fóra o vicio, Fabricio seria um bom moço e intelligente advogado.

Agora que o leitor já conhece os dois amigos, escutemos a conversa de ambos.

— Tenho hoje um negocio importante para te comunicar, Fabricio.

— Sim? então que negocio é?

— Olha, se não tivesse tanta confiança em ti, por certo que...

Epiphanio não concluiu a phrase e sorriu com malícia.

— Parece-me que já te comprehendo... o lansquenet talvez...

— O lansquenet? murmurou Epiphanio dando uma risada.

— Pois então?

— E' cousa muito diversa.

— Epiphanio, queres saber d'uma cousa? deixa-te de mysterio e falla-me franco, porque tu sabes que sou um amigo sincero.

— Bem te conheço, Fabricio, e assim te explico o negocio, que parece mesmo um mysterio.

E Epiphanio sem detença tirou da algibeira do seu palitot uma cartinha fechada.

Abrio-a e mostrou-a ao amigo.

Este pegando-a leu apressado; á proporção que lia ficava surpreso, finda a leitura disse como quem duvidava:

— Acho impossivel um tal procedimento, Epiphanio, mormente quando esta senhora é casada e parece viver em boa harmonia com o marido.

— Sim, Fabricio, parece impossivel; mas se eu te contasse uma cousa... havias de ver que...

— Oh! será possivel que uma senhora tão bella, de physionomia tão doce, tenha valor para tanto?— illudir a seu marido!

— Caluda, Fabricio, caluda! tu sabes que trata-se de um negocio muito melindroso, e que pode perder-me.

— Mas, Epiphanio, não posso tolerar o procedimento d'essa senhora; uma entrevista em tua propria casa!

— Escuta, Fabricio, murmurou Epiphanio em tom

grave ; eu era sempre um dos entusiastas d'essa moça, porque seus attractivos me fascinavam ; tambem eu lhe inspirava sympathia ; uma vez, cheio de esperança, fui pedil-a a seu pai, e este homem me respondeu em tom desabrido, dizendo-me que Carolina já estava promettida a um seu amigo, e que breve teria lugar o consorcio, e ainda mesmo que isto não se dósse, nunca consentiria que sua filha se ligasse a mim pelos laços de hymeneo, por meu pessimo comportamento. Fiquei muito desapontado com tal repulsa, Fabricio, e desde então senti que o amor que tinha a Carolina crescia de dia em dia ; se por acaso avistava a linda moça, minha vista se turbava, meu rosto se tornava pallido, e as pernas me vacillavam. Eu tinha uma correspondencia secreta com Carolina, e ella sempre me tranquillisava, dizendo que não daria a mão de esposa ao senhor Guimarães, só sim o faria, se seu pai a obrigasse sob pena de maldição ; Carolina ainda me confessava o seu amor, que em seu pensamento só apparecia uma imagem, e essa era a de seu amante. Mas qual não foi a minha admiração e sentimento, quando uma manhã me contáram que o senhor Guimarães tinha-se ligado á Carolina ! Olha, Fabricio, tive collicas horriveis ; fiquei desesperado, cheio de ciumes ; quasi que fiz uma grande asneira em tomar justa vingança do pai barbaro, que constrangia a filha a unir-se ao homem que não amava, que o aborrecia. Depois me veio outra idéa de juntar as cartinhas de Carolina e ir mostral-as ao senhor Guimarães, e fazel-o assim conhecer que sua mulher me amava e que elle a sacrificára com semelhante consorcio ; mas pensando sobre as consequencias que d'isso podião resultar,

*

contrariando a minha má vontade, tive forças para vencel-a, esperando no entanto, pôl-a por obra quando tivesse occasião azada: sim, Fabricio, o senhor Guimarães e seu sogro haviam um dia arrepender-se do mal que fizeram a Carolina, porém esse arrependimento viria muito tarde.

« A despeito de ser a bella joven casada e de estar sujeita ao seu marido, todavia, temerario, continuei o meu papel de amante apaixonado por espaço de seis mezes, e a moça não podendo resistir á tentação do amor, certa noite que seu esposo não se achava em casa, ella me recebeu occultamente no quintal, e ahí tivemos uma conferencia, e então contou-me que não tinha a mais pequena sympathia pelo senhor Guimarães; que era homem toco e que a tratava muito mal, chegando a ponto de desfeiteal-a dando-lhe em sua linda face.

— Oh! murmurou Fabricio indignado, quanto soffre uma pobre mulher que tem marido bruto! Já não a crimino: o consorte bom e sensato ensina a mulher leviana e sem juizo a ser honrada e virtuosa; delle, pois, parte a felicidade ou infelicidade da esposa. Não sei qual o motivo por que nunca gostei dos modos d'esse homem, achava-o tão esquisito, tão grosseiro, e agora se confirma a minha antipathia por um tal procedimento! bem dizem ahí pela cidade, que elle não é boa fazenda, e lá no seu negocio tem o quer que se lhe diga.

— Carolina, proseguio Epiphanio sempre fumando o seu charuto, disse-me que seu pai fôra o culpado de tudo, e que ella era victima de sua obediencia, mas que o seu coração ainda me pertencia, e que me amava muito apesar d'esse homem ser o seu senhor.

Fiquei extasiado ao ouvir uma tal confissão! — o amor de Carolina me pertencia, e a linda moça estava tão junto a mim... oh, Fabricio! não te posso explicar o que n'essa occasião sentia! Estava embriagado de amor, e não podendo supportar o fogo que me devorava o peito, como hallucinado, aperto a Carolina em meus braços, e roçando meus labios na sua graciosa boca de coral, tão doce, ella... não teve forças bastantes para repellir-me... e pois commettera uma falta....

— Oh! oh! fez Fabricio admirado.

— Sim, amigo, a linda jóven era uma esposa adúltera!

— E não tens remorso, Epiphanio?

— Remorso?!

— Pois não commetteste tambem um crime?

— Que crime, Fabricio?

— Ainda m'o perguntas? Não foste o seductor de Carolina?

— Sim, mas é uma moça tão bella; quem será capaz de resistir a tanto encanto? E de mais o seu amor já era meu.

— Então não tens remorso?

— Nenhum; o culpado de tudo fôra o pai; elle que sob a maldição obrigára a Carolina a desposar esse homem grosseiro, que a tem tratado tão mal.

— Tens razão, Epiphanio; os proprios pais são muitas vezes os autores das desgraças de suas filhas; lá porque um capricho os domina, eil-os que as sacrificam ligando-as a individuos que não merecem as suas sympathias, e depois o resultado... o resultado é o que estamos vendo!

— Mas, Fabricio, tornou Epiphanio como se tivesse a consciencia tranquilla, minhas relações com Carolina continuam; e favorecido por meu destino, o senhor

Guimarães de nada sabe ; e hontem me chegou ás mãos esta cartinha ; penso que a pobre moça quer commu- nicar-me alguma novidade ; ella que nunca veio á minha casa durante os cinco mezes de nossos amores, não há duvida que é algum negocio de importancia ; estou já impaciente ; e a entrevista ainda é para amanhã ás onze horas da noite... ah ! se eu pudesse ir já á casa de Carolina, minha curiosidade se satisfaria !

— Amigo, accrescentou Fabricio, as horas não custam a passar, e para que ellas passem mais depressa, toma o teu chapéo e a tua capa e vamos dar um passeio ahi pela cidade, e se encontrarmos algum jogo tanto melhor.

— Vamos, Fabricio. vamos.

E Epiphanio entrando para o interior de sua casa, voltára logo embuçado em sua capa, com chapéo do Chili na cabeça e trazendo na mão uma bengala.

E apagando as luzes da sala d'ella retirou-se com o seu amigo, fechando a porta com a chave.

D'ahi a pouco estavam na rua.



CAPITULO SETIMO.

A sociedade do lansquenet : — o senhor Guimarães.

Estamos em casa do nosso conhecido Leopoldo de Campos.

São sete horas da tarde mais ou menos.

Leopoldo está na sua sala, illuminada de duas velas de espermacete.

Conversa com um homem de rosto redondo, moreno, de olhos azues e nariz aquilino, baixote e gordo, trazendo a barba toda rapada, como se fôra padre, trajando calça e palitot de brim pardo e collete preto de merinó, não tendo gravata ao pescoço, que é demâsiado curto ; calça sapatos inglezes.

Este homem tem constantemente a sua boceta de rapé nas mãos.

Sua voz é fina e fanhosa, tem a pronuncia toda errada e com muitos vicios.

E' o senhor Guimarães marido de Carolina — e tem a felicidade de ser portuguez !

Elle terá trinta e dois a trinta e quatro annos. Suas maneiras são grosseiras e não tem a menor educação : é um homem tosco na verdadeira accepção da palavra ; sabe ler e escrever mal.

Vindo para a cidade muito joven, ainda como caixeiro

da casa de negocio de Manoel de Mattos, pai de Epiphanio, ahí estivera até a idade de vinte annos, e conio sempre déra boas contas de si, um seu patricio, tambem negociante, offerecera sociedade na terça parte ao senhor Guimarães, que, cheio de prazer, foi logo annuindo a tão optima proposição. Tres annos depois elle negociava por si, tendo-se retirado da sociedade com bom capital, que servio de fundo ao seu estabelecimento. Apesar de ser o senhor Guimarães toseco e mal educado, todavia, era muito esperto e fino no negocio, logrando os freguezes com o semblante d'um verdadeiro Judas.

Seu passadio era miseravel, e assim com muita economia em poucos annos poude fazer alguma fortuna. Um dia metteu-se-lhe na cabeça a idéa de um casamento rico, e então lembrára-se de Carolina, que além de ser bella, tinha um dote de mais de quarenta contos. O pai d'esta moça era tambem muito ambicioso e quasi usurario mesmo, não ficou fóra de tal negocio logo que o senhor Guimarães lhe propozera; e assim este sem trabalho conseguiu no fim d'algum tempo o consentimento d'esse homem, que, como sabe o leitor, obrigára Carolina a ser consorte do senhor Guimarães por quem não tinha a menor sympathia, e de cujo consorcio nascera a desgraça da joven.

O todo do senhor Guimarães nada tem de agradavel; mas como é negociante acreditado, tendo fama de rico, conta muitos freguezes e amigos na cidade e entre elles Leopoldo de Campos e o capitão João Antonio com quem mais se relaciona.

O senhor Guimarães falla em ser rico, e que para ser rico, dizia elle sem pejo, seria capaz de commetter a acção mais baixa e vil e aguentaria com custo alegre todo e qualquer insulto que se lhe atirasse — assim havia de

enriquecer em poucos annos, e com effeito, já era senhor d'uma fortuna maior de trinta contos, não se contando a herança de sua mulher, de quem ainda não tinha tido um só filho.

Escutemos, benevolo leitor, os dialogos entre Leopoldo e o Sr. Guimarães.

— Já sei, disse o ex-professor fixando attentamente o negociante, que sua fortuna caminha a passos accelerados, sempre propicia e risonha ; é muito feliz, Sr. Guimarães ; o portuguez vem sempre abençoado de sua terra, e pisando o solo brasileiro, logo apparece a felicidade prodigalizando-lhe os seus dons. Raro é o portuguez que vive pobre no Brasil.

— Xi... xi... xi... acudio o Sr. Guimarães com o sotaque de sua terra, isso lá é berdade ; o portuguez aqui n'esta terra do Vrazili só não encontra a felicidade quando não queri, só mesmo por mandrião ; além d'isso, sinhori Leopoldo, nós, os europeós, somos uns pelos outros. O sinhori não oubio fallar da maçonaria ?

— Sim, Sr. Guimarães.

— Pois é assim uma cousa a modo d'isso, e logo tamvém o vrazileiro lhe offerece uma voa cachopa para se regalar a bida ; mas eu, é berdade, n'este ponto não sou feliz, sinhori Leopoldo, porque minha mulheri é muito namoradeira ; isso então é de dari e tomari !

— Ora, Sr. Guimarães, não falle isso ; a Sra. D. Carolina é digna de toda a estima.

— Xi... xi... xi... o sinhori não save que visca é aquella ! só mesmo um paciente como eu a pode agnentari, é isso por causa do seu dote, porque meu sogro está belho e acavado e logo faz por ahí a sua biagem.

— O Sr. Guimarães parece que deseja a morte de seu sogro, murmurou Leopoldo rindo-se.

— Oh lá, sinhori! que vello que isso fosse hoje! eram mais quarenta contos que me vinham sem outro trabalho que o de aguentar a tali minha mulheri. Mas, sinhori Leopoldo, mudemos de conversa; mandou-me chamari para certo negocio, se é de conveniencia...

E o senhor Guimarães sorriu interrompendo-se a si mesmo.

— Oh! sim, respondeu Leopoldo tomando uma attitude grave e mysteriosa; é negocio de importancia que muito nos convém, Sr. Guimarães; trata-se de nada menos que fazer a nossa felicidade em pouco tempo.

— Xi... xi... xi... sinhori Leopoldo, retorquiu o Sr. Guimarães tomando a sua pitada; vêm sáve que para ganhari a felicidade estou sempre prompto.

— Mas, Sr. Guimarães, é negocio de muita importancia e de segredo, só nós o saberemos.

— Beja lá, sinhori, que eu o posso guardari.

— E se o segredo fôr corrompido, então tudo perderemos.

— Oh, sinhori! murmurou o negociante como ferido na sua susceptibilidade.

— Olhe, Sr. Guimarães, proseguiu Leopoldo sempre com mysterio, talvez que o negocio nos renda muito; é como lá dizem — um negocio da China.

— E o sinhori a dari! resmungou o negociante meio massado com o mysterio de Leopoldo.

— Pois bem, en lhe explico, Sr. Guimarães; porém caluda! Olhe, vamos instituir uma sociedade secreta entre o nosso capitão João Antonio, Vme. e eu... uma sociedade de jogo.

— Xi... xi... xi... como é lá isso, sinhori?

— Senhor Guimarães, n'esta cidade joga-se muito o lansquenet, e assim pôremos uma casa de jogo em alla

escala, faremos circular os estatutos, chamaremos logo a attenção de todos os jogadores ; oh ! é uma idéa muito feliz. O capitão João Antonio já prometteu-me toda a sua valiosa protecção, bem entendido, percebendo elle parte dos lucros.

— Até ahi, sinhori Leopoldo, não bejo inconbeniente algum.

— Espere, Sr. Guimarães, espere ; — Vmc. vai ser a molla real d'esta sociedade.

— Eu ? ! murmurou o negociante abrindo a boca muito admirado e encarando a Leopoldo.

— Sim, Sr. Guimarães, o jogo ha-de ser em sua casa para maior importancia da sociedade ; ninguem deve saber senão nós, os socios...

— Mas, sinhori... fez o negociante como duvidoso.

— Não tenha pressa, Sr. Guimarães ; espere, a nossa sociedade precisa de um thesourero, e esse ha-de ser Vmc.

— Pois vêm, pode continuari.

— Ou para melhor dizer, Sr. Guimarães. um banqueiro. Olhe, preste-me attenção, terá muitos baralhos cuidadosamente preparados... d'aquelles que dão a felicidade.

— Xi... xi... xi... já tudo percevo ! accrescentou o senhor Guimarães como maravilhado e satisfeito de tal idéa ; varalhos cortados, etc. e tali.

— Com effeito, Sr. Guimarães, entendeu-me perfeitamente ! voltou Leopoldo sorrindo e apreciando a ambição do negociante.

— Já vêm o comprehendí ; é berdade que o negocio é vom, mas...

— Ouça-me, Sr. Guimarães : eu e o capitão João Antonio, seremos jogadores e Vmc. o banqueiro, e assim

o barato que tirar ha-de entrar em partilha com o meu ganho e o do capitão, ganho que tenho toda a certeza será immenso, é uma mina, Sr. Guimarães! uma mina! Depois com vagar acertaremos a nossa sociedade.

— Oh! oh! disse o negociante abrindo a boca como sorprendido de jubilo; e quando se dá principio, sinhori?

— N'estes dez a doze dias, quando muito.

— Mas, sinhori Leopoldo, o vanqueiro é só para tirari o varato?

— Não, Sr. Guimarães, o banqueiro deve ter a bolsa aberta para emprestar o dinheiro aos jogadores que tem credito.

— Pois vêm, sinhori, pode contari comigo; os varalhos serão preparados com toda a cautela.

— Sim, Sr. Guimarães, recommendo-lhe toda a cautela no negocio; todos jogarão sem desconfiança, e para que não haja suspeita, algumas vezes hei-de perder e mais o capitão, e ainda um certo sugeito, com quem pretendo fallar, que tambem entrará na sociedade.

— Está vom, está vom, sinhori Leopoldo; estamos conbencionados. Agora bou retirar-me; com mais bagari conbersaremos ainda sobre os varalhos.

E assim fallando o senhor Guimarães pegou no chapéo, cortejou a Leopoldo, e sahio cheio de regozijo, com a idéa presa no lisongeiro quadro da felicidade que tinha diante do pensamento.

Eram sete horas da tarde.

Alguns minutos depois entrava o Capador.

— Adeos, patrão, disse este embuçado no seu ponche.

— Oh! Sr. Gonçalo! veio muito a proposito! há cinco dias que o não vejo. Então como vamos de arranjos?

— Patrão, o gurundy que caçamos lá para as bandas

da cidade de P*** tem-me abixornado, palavra! Por um triz que o Peito-Cabelludo ia-me alimpando a casta fazendo-me ajoelhar no capim, e o indiabrado do Feiticeiro! hi...hi... patrão! aquillo é da casta do canhoto! cahiram em cima de mim de pauladas—bumba-catumba — e eu que estava desarmado, só tendo na mão uma manguára, rebati corajúdo os parceiros. Feiticeiro safou-se coxeando e Peito-Cabelludo escafédeu-se deramando mel pela testa abaixo.

— O que quer dizer com isto tudo, Sr. Gonçalo? retorquio Leopoldo fazendo signal ao Capador para que se sentasse.

Este conservou-se de pé, e respondeu pondo a sua mascá favorita na boca :

— Quero dizer, patrão, que o dinheiro do ultimo gurundy não chegou para tapar as bocas do Peito-Cabelludo e de Feiticeiro, e assim eu fiquei chuchando no dedo. não ganhei sebo para as botas; palavra! se vossuncê me remediasse por ahi uns cincoenta priscos...

— Pois não, senhor Gonçalo, eu lh'os darei, porém quero que diga-me uma cousa: sabe jogar o lansquenet?

— Ora, patrão! pois vossuncê não sabe que eu jogo tudo?

— Então, já o tem jogado?

— Hi... hi... hi... patrão, palavra! que já tenho surripiado alguns priscos do Fabricio, de Epiphanio e mais d'alguns outros patinhos.

— Ah! murmurou Leopoldo como satisfeito. Pois, Sr. Gonçalo, eu quero que jogue o lansquenet comigo em casa do Sr. Guimarães; dar-lhe-hei dinheiro para jogar, e tudo quanto ganhar é para repartirmos. Por

em quanto deixo-me do nosso negocio, este outro nos dará muito mais lucro.

— Eu já entendi o riscado, patrão, accrescentou o Capador mascando o seu fumo; quer párar a venda dos gurundys para puxar pela baralho. Eu tôpo, patrão, sou casquinha velho; filava bonito o trinta e um e o pacão.

— Lhe assevero, Sr. Gonçalo, que nós havemos de ganhar muito. Os nossos baralhos hão-de ser bem preparados.

— Palavra, patrão! agora vossuncê deu no vinte.

— Olhe, Sr. Gonçalo, hei-de prevenir-lhe a noite em que deve principiar o jogo, e conte comigo. Agora lhe vou buscar o dinheiro que me pede.

— Fôo patrão! este patrão é um homem de truz! resmungou o Capador, vendo a Leopoldo entrar para a alcova.

Alguns instantes depois o ladrão recebia o dinheiro e se despedia de Leopoldo.

Este ficando só murmurou:

— Tenho mais um companheiro! e que refinado tratante! Oh! a lembrança foi muito feliz! ficarei rico, bem rico; eu que possuo sete contos, em breve serei commendador, e depois ainda serei barão. Mas uma idéa não me deixa: a imagem d'aquella menina a quem chamam Flôr de-Abril me esvoaça sempre pelo pensamento! Pois bem! ella será minha!

Cumpre-nos dizer que Leopoldo só tinha comsigo uma negra já velha, que era a sua cozinheira, e que tambem arranjava os mais serviços da casa, como uma boa escrava que era, sempre que fosse preciso, ella mesmo fazia as compras á rua para os misteres

da cozinha, e por isso Leopoldo estimava a essa preta, tratando-a bem.

Este pegando depois na sua capa e pondo o chapéo na cabeça, chamou a escrava e lhe recommendou que apromptasse café para tomal-o quando voltasse do passeio.

E apagando as luzes sahio da sala fechando a porta com a chave.

O benevolo leitor, no correr d'esta historia, terá de occupar-se com Leopoldo de Campos e os tres ladrões Capador, Peito-Cabelludo e Feiticeiro, dos quaes ainda não lhe patentçamos suas vidas myste- riosas, porém o faremos mais adiante, em occasião opportuna.

Passemos agora á casa de Epiphanio de Matos.



CAPITULO OITAVO.

A entrevista.

E' a noite da entrevista que Carolina marcára.

O joven espera ancioso na sua sala a hora aprazada.

Ella enfim havia sido annunciada, dando o relógio da casa onze horas.

Momentos depois o joven ouvia bulha de passos pelo corredor.

Seu coração bateu apressado, e logo abrindo a porta da sala, Epiphanio encontrou-se com a bella Carolina, e apertando-a nos braços, cheio de amor e alegria, murmurou com voz tremula:

— Será isto um sonho? Carolina, tu aqui!?

— Não, Epiphanio, não é sonho, é a força do meu destino que me obriga a proceder assim. Olha! tu sabes que te amo muito, e por isso me deves perdoar.

— Oh! sim, bem o sei, Carolina; eu tambem te amo do intimo d'alma.

O joven logo fizera a moça entrar n'uma alcova, depois do que tivera o cuidado de fechar a porta da rua e a da sala, indo juntar-se a sua amada:

Orientemos o leitor um instante sobre a casa de Epiphanio.

Elle habitava pequena e linda casa sita na rua Alegre, rua silenciosa, por isso que apenas tinha alguns moradores. Possuia dois escravos, uma preta cozinheira e um moleque que era o seu pagem. Apesar de ter sua mãe viva, todavia, não quizera morar com ella, para assim estar em liberdade em sua propria casa, e que a respeitavel viuva consentira sem constrangil-o, porque bem conhecia a indole de seu filho.

Epiphanio estava muito a seu gosto, pois que n'esta occasião em que se achava com Carolina, seus escravos já dormiam sem nada presenciarem o que na casa se passava.

Continuemos o dialogo dos dois amantes.

A linda moça estava sentada em macio leito de cortinado branco de fina cassa.

Epiphanio tambem, sentado n'uma cadeira, junto ao leito, apertava amoroso nas suas as mãos da esposa infiel.

— Oh! Carolina! prosegue o joven em tom apaixonado, conta-me... conta-me o que se tem passado contigo; será possivel que teu marido já tenha descoberto os nossos amores?

— Não... não, Epiphanio; elle ignora, de nada sabe, porque tenho sabido illudil-o; mas seu modo brutal para comigo continua sempre, já não posso mais soffrel-o, e agora depois que tu me fizeste cahir no peccado... sou...

E a moça curvou graciosamente a bella cabeça, como tomada de pejo; não concluiu a phrase.

O joven cheio de ternura, levantando-se da cadeira, circumda com os braços o lindo collo da peccadora e balbucia:

— Carolina; Carolina! tu és minha. Que me importa que não me ligasse a ti pelos laços sagrados do hymeneo, se juráras ser minha dando-me o teu amor! Oh! não és culpada, não, amada de meu coração; culpado é o teu barbaro pai, que só pela ambição do dinheiro te ligou a esse homem tosco e vil! E eu que por ti morria de amores, eu que por ti abandonaria todos os meus vicios e desvarios da juventude só para contemplar os teus encantos e attractivos, eu que podia julgar-me o mais feliz dos maridos tendo-te por esposa, eu, minha querida, eu fui repudiado por esse homem, que se diz ser teu pai, esse cruel que procurou a tua desgraça.

A esposa peccadora nada dizia, mas sua linda cabeça estava inclinada sobre o peito do amante; seu seio arfava com indizível magia.

— Oh! querida de minh'alma! não te deixarei um só instante, continuou Epiphanio tomado de grande emoção d'alma; olha, eu estou cioso de ti, teu marido... que digo eu? — não, não... esse homem vil não é teu marido... elle não tem poder sobre ti, por que me pertences; e para sempre ter-te em meus braços, eu, Carolina, sou capaz de tudo, por ti derramarei o meu sangue, a propria vida darei para te defender!

E o mancebo estava como que hallucinado, sempre circumdando a cintura da joven, proseguiu em voz alterada e tremula:

— O homem, Carolina, o homem que diz ser teu marido, não tem direito sobre ti... oh! elle é a lava ardente do volcão que me incendeia a alma, fazendo-me enlouquecer de ciumes!

E Epiphanio de Mattos, no auge do seu transporte,

embriagado de amor, aperta em seus braços a esposa infiel, que balbuciava :

— Epiphanio ! Epiphanio ! eu te pertenco... tua serei até a morte ! porém, espera... escuta-me um instante só... escuta-me... eu quero fugir d'esse homem que detesto, que faz o meu soffrimento, a minha tortura.

O joyen largou um momento da moça.

— Ah ! queres fugir ? murmurou o amante como não acreditando no que ouvia.

— Sim, Epiphanio, já te disse, não posso viver com este homem..., antes prefiro a morte.

— Carolina, dizes bem ; tu não, podes viver com semelhante individuo, sim, o repito, Guimarães é um homem tosco e vil ; elle não é teu marido, não... olha, eu... eu sou capaz... de...

E Epiphanio como hallucinado, apertando vivamente as mãos da peçadora, não prossegue e parece soffrer uma revolução estranha em todo o seu ser, por isso que seus membros se agitam convulsos, expirando nos labios trementes a palavra que estava a cahir ; seus olhos se fixaram no rosto de Carolina.

Esta vendo a agitação, do seu amante, cheia de susto, procura socegal-o, accrescentando com voz doce :

— O que tens, Epiphanio ? o que tens ? oh ! falla ! pois não sou tua até á morte ?

— Ah ! que idéa ! balbuciou o mancebo como sahindo de um pesadello horrivel ; que idéa de sangue negrejou-me pelo pensamento !

— Sangue ? !... sangue, Epiphanio ? ! articulou a moça com pavor.

— Sim, Carolina, mas não me forces a contar... não... não posso... logo mais te direi... foi uma

idéa negra e terrível que me veio... é tudo que agora te digo.

E o joven calou-se, e contemplava em silencio o fido semblante da esposa adúltera.

E logo os traços da tristeza se desenharam no rosto de Epiphanio.

Que pensamento negro seria esse que vinha obscurecer a fronte do mancebo e fazel-o entristecer?— quando elle, arrebatado nas azas do amor, olhava a bella Carolina unida a si, sentindo o arquejar de seu voluptuoso peito e a doce respiração de sua alma, qual aura perfumada que o enchia de tanto encanto?

Adiante o leitor conhecerá qual o sentimento que n'essa occasião experimentava o amante d'essa esposa leviana, cujo retrato faremos no fim d'este capitulo.

— Olha, Epiphanio, tu me pões medo com semelhante idéa, fallaste-me em sangue.

— Não prosigas, Carolina... não... não... eu t'ou peço em nome do nosso amor, agora me acho agitado, sinto na cabeça uma febre ardente, minhas idéas se desvairam... deixa-me repousar um instante sobre o teu collo.

E o mancebo inclinou-se sobre a peccadora e permaneceu por alguns momentos em silencio.

A infiel esposa havia circumdado com os fermosos braços a cintura do amante.

Ja dissemos que Epiphanio de Mattos era um joven viciado, mas sua alma não estava ainda corrompida, e nem o crime manchára as suas mãos; amigo dos prazeres e deleites, sem ter experienciã dos trabalhos da vida, porque esta apenas estava na sua primavera, e por consequente na quadra dourada

dos amores, a alma ardente e apaixonada do joven não poudé supportar o sentimento que o dominava; e sem pensar no passo temerario que ia dar, principiou a senda de seductor, provocando a fragilidade da mulher, que constrangida e cheia de despeito, se havia ligado por laços sagrados ao ente que aborrecia; a mulher, repetimos, não podia viver em harmonia com o marido, p̄bis que tendo dado seu coração ao joven de seus sonhos, por certo que sem fazer a mais pequena reflexão, inconstante e sem juizo, alimentou a paixão do inexperienced amante, acabando pela consumação do adulterio — que para sempre lhe nodóava a honra.

No nosso humilde pensar, benevolo leitor, Epiphanio de Mattos não commettera um crime, mas sim uma falta, devida sómente á seducção da mulher bella, cuja imagem, como o perfume das flores, que doce-mente embriaga a alma do poeta, embriagara com magia a do ardente mancebo, que sonhava delicias e amores, e do intimo do coração lhe sahio um suspiro.., e esse suspiro pertencia a Carolina. Não poudé, pois, resistir; satisfez ao amor libando as suas doçuras nos braços da esposa leviana que, vingando-se do marido, commettera tão grande falta.

Nunca passára pela mente de Epiphanio de Mattos o pensamento sinistro e sanguinario de tentar contra a vida de seu proximo; porém o amor que é capaz de tudo e que muitas vezes enlouquece o homem, fizera de repente apparecer uma nuven negra, qua estendendo-se logo pela frente do mancebo, n desorientára.

O amante de Carolina pensára n'um assassinio para assim libertal-a do poder do marido.

Mas apóz tão sinistra idéa veio logo o arrependimento confranger a consciencia do seductor Mattos; fóra esse o soffrimento de que vimol-o assaltado por alguns momentos.

— Agora, murmurou Epiphanio com voz menos agitada e levando a mão á frente, já me passou o incommodo, a nuvem que me toldava o pensamento se desfez com o sopro da razão, que havia abandonado por alguns instantes a minha alma agitada. Olha, Carolina, vou satisfazer o que ainda a pouco me pedias... eu... pensei n'um assassinio contra a pessoa de... teu... marido!

— O que é que dizes, Epiphanio?! o que é que dizes?! exclamou a jóven com assombro.

— Sim, Carolina, tive essa idéa horrivel, mas ella passou... foi um momento de delirio.

— Ah!...

— Sim, minha querida, tu bem conhees minha alma, continuou o mancebo em voz grave; não era capaz de commetter tão reprovado crime; tudo farei para que sejas minha; mas praticar isso... jamais! jamais!

— Epiphanio! Epiphanio! accrescentou a moça com emoção, olha, eu sou sempre tua, porém longe de ti esse terrivel pensamento! aborreço a esse homem que se diz — meu senhor — mas não lhe desejo o menor mal; só o que quero é fugir contigo para bem longe, conheço que commetti grande peccado...

— Tu não és a culpada, interrompeu Epiphanio contemplando a sua amada; não, não.

— Agora, Epiphanio, só junto de ti poderei viver, porque pertenceo-te.

E Carolina amorosa inclinou a bella cabeça sobre o peito do amante, que lhe diz cheio de emoção:

— Escuta, minha querida. Tem paciencia em supportar por mais um mez as brutalidades d'esse homem, um certo negocio me prende n'esta cidade, e logo que o decida, fugiremos para bem longe; em qual-quer parte contigo serei sempre feliz e ditoso.

— Um mez, Epiphanio... tanto tempo ainda!

— Sim, querida, um mez logo passa; tem paciencia, eu t'ó prometto: fugirei contigo.

E o mancebo, no transporte de seu amor, sóra de si, anhelante, com os olhos fixados no meigo e lindo rosto de Carolina, a aperta de novo nos braços, dando-lhe muitos beijos.

Alguns minutos depois esta sahia da casa do joven, cautelosa e embuçada em comprida capa, tendo na cabeça chapéo preto desabado.

Epiphanio a acompanhára até o quintal da casa do senhor Guimarães, que apenas distava da de-jo-ven uns cincoenta passos.

O negociante algumas vezes jogava sóra, e por isso Carolina aproveitára uma d'essas occasiões para a entrevista com o seductor Mattos.

A peccadora esposa teria quando muito vinte annos, tez morena e assetinada; o rosto bem moldado, quasi redondo, era corado de ligeira sombra de carmin nas faces; os olhos grandes, brilhantes, d'um acastanhado escuro, com bastos cilios e arqueadas e finas sobrance-lhas, lhe davam indifinivel encanto; nariz artisticamente desenhado, boca breve e graciosa com labios de coral e niveoz dentes miudos, augmentavam-lhe ainda mais duas seductoras covinhas que se formavam nas faces quando travesso e lascivo sorriso

voava-lhe em volta dos labios; seus cabellos abundantes, longos e ligeiramente ondulados, eram pretos e tão macios como seda. Acrescentando o collo voluptuoso, ~~talhado com esmero pelo delicado cinzel da natureza,~~ as formas esbeltas e gentis do seu corpo, suas mãos e pés de uma deusa, tudo fazia realçar a belleza de Carolina.

Seu trajar era simples, mas isso mesmo augmentava suas graças.

Sabia ler e escrever, sendo moça prestimosa,

Sua voz era sonora e sympathica. Apesar de ser peccadora, todavia, tinha alma sensivel e boa.

O pai pouco se importára com a formosura da filha, e por isso, só pela ambição do ouro, sacrificára a Carolina, dando-a ao negociante Guimarães.

A moça n'essa noite tinha um vestido degolado, que deixava ver-se o delicioso collo; seus lindos cabellos estavam penteados a negligé, fazendo ainda o encanto d'esse doce semblante.

Lastimemos, benevolo leitor, essa joven tão bella, tão meiga, tão desvairada, se perdeu na paixão cega do amor, tirando assim o perfume e a pureza de sua alma!

Se ella pudesse remediar tão grande falta...

Talvez — pelo arrependimento.

Vamos patentear agora outras scenas muito diversas, levando o leitor á casa d'uma autoridade policial da cidade.

CAPITULO NONO.

O subdelegado, João Antonio e o escrivão.

Trez dias se hão passado.

Estamos n'uma casa soffrivel, decentemente mobiliada.

E' a casa do subdelegado da cidade.

Este é moço de trinta e dois para trinta e quatro annos, de estatura regular, bem vestido, cujos traços physionomicos denunciam muito curta intelligencia.

São cinco horas da tarde.

Conversa com um velho de mais de sessenta annos de idade, magro, vestido de preto, trazendo oculos nos olhos pequeninos e vermelhos.

E' o escrevão.

Este falla pausado, e tem na dextra a sua boceta de cangica.

O subdelegado não gosa da sympathia publica, por que é orgulhoso e despota, não tendo outra lei se não a sua vontade, sendo por isso juiz birrente e muito parcial. Não tem principios politicos e nem mesmo sabe definir o que é politica: tanto hostiliza ao conservador como ao liberal. Elle apenas escreve, sem a menor noção da orthographia.

Escutemos a conversa do juiz.

— Sr. Rodrigues, disse este em tom altivo, mandei-o chamar para passar um mandado de prisão contra certo individuo, que mora n'esta cidade, a quem appellidam de — Capador.

— O Capador, senhor subdelegado?! murmurou o escrivão como sorprendido.

— Sim, Sr. Rodrigues, esse homem é ratoneiro de chapa.

— Como é isso, Sr.?

— Recebi hontem uma precatória do delegado da cidade de P*** em que me deprecia a captura de Gonçalo, o Capador; que há pouco tempo roubára ali d'um fazendeiro dois escravos.

— Com effeito, senhor subdelegado! E há provas d'isso?

— Há, Sr. Rodrigues; veja a deprecada.

E assim fallando o juiz, que se achava sentado, levantou-se chegando á meza onde tinha diversos papeis e autos, pegou na precatória de que tratava e apresentou-a ao escrivão.

Este que tambem se achava sentado, levantando-se com respeito, tomou o papel e leu por alguns momentos.

O subdelegado ficára em silencio durante essa leitura.

O escrivão entregando a deprecada ao juiz, disse-lhe em tom grave:

— O caso é sério, senhor subdelegado, e o Capador é bem criminoso.

— Hoje mesmo elle ha-de dormir na cadeia, resmungou o executor da lei com zanga. Tratante! não apoio a ratoneiros.

— Louvô a V. S., volveu o escrivão tomando a sua pitada de cangica com toda a solemnidade; sua energia como juiz é conhecida.

O subdelegado parecendo não dar fé do elogio do seu official, retorquiu :

— Sr. Rodrigues, passe o mandado para a captura d'esse ladrão, eu lhe ordeno.

O official ficára contrariado pelo pouco caso com que fôra ouvido, e indo para junto da meza, sentou-se e esperou as ordens do juiz.

— Mando, Sr. Rodrigues, que vá conjunctamente com a escolta, a qual será composta da metade dos policiaes que se acham na cadeia, e com toda a segurança prenda a esse Gonçalo, mas esta prisão será effectuada das onze horas da noite em diante para não despertar desconfiança na cidade : a essas horas procure o sargento commandante da guarda, e á minha ordem o intime para que acompanhe a Vmc. sem demora, com os policiaes que julgo precisos. O mandado, pois, é n'este sentido.

O escrivão escreveu-o vagarosamente ; finalizando leu-o.

O subdelegado poz n'esse mandado a sua rubrica.

— Sr. Rodrigues, recommendo-lhe toda a cautela e segredo n'esta diligencia.

— V. S. bem sabe que minha conducta de empregado publico, graças a Deos, não tem sido desmerecida ; presumo sempre que cumpro com o meu dever.

— Senhor escrivão, não estamos tratando de conductas e nem de merecimentos ; só o que quero é o cumprimento das minhas ordens.

— Mas, V. S....

— Agora não estou para ouvi-lo, Sr. Rodrigues, e já lhe ordenei o que tem a fazer.

— Porém, senhor subdelegado, não mereço de V. S. semelhante tratamento. objectou o escrivão despeitado com o seu juiz.

— E o senhor Rodrigues a massar-me!

— Senhor tenente, continuou o empregado com a voz já tomada de raiva, V. S. hoje parece que está com os seus azeites!

— Insolente! resmungou o subdelegado cheio de colera; saia! saia já da minha presença, que não respondo por mim!

O escrivão quiz replicar ao juiz, porém não pôde balbuciar uma palavra; seus labios estavam frementes; o velho tremia como varas verdes, sentiu logo o sangue refluir-lhe ao coração.

Encarando ao seu superior com semblante convulso, articulou a custo estas palavras, gaguejando:

— Sr. tenente, se não fôra o respeito á autoridade... eu... eu, João Rodrigues da Assumpção... não soffreria tão grande affronta!

— Ainda replicas, atrevido? já para fóra!

Rodrigues encarou de novo o seu juiz e raivoso balbuciou:

— Cumprirei o seu mandado, senhor subdelegado, porém o insulto que me faz, ha-de ter, em tempo, uma reparação.

— Põe-te já d'aqui, mal criado! quando não mandote para a cadeia!

O rosto do juiz era colerico e ameaçador, e assim expulsou a Rodrigues, que pegando no seu chapéo sahio silencioso, porém com o sentimento no coração.

Duas palavras agora ao leitor, para bem oriental-o sobre estes dois personagens.

O subdelegado é casado, tem não pequena familia, e occupa o posto de tenente na Guarda Nacional. Pelo seu comportamento como autoridade creára muitas desaffeições, e por isso é limitadissimo o numero de seus

amigos. Possui alguma fortuna e dá dinheiro a prêmio, e assim é tido por capitalista, tendo n'isso muito orgulho.

Raro é o individuo mal educado, benevolo leitor, que conseguindo a fortuna, não se julgue superior aos outros homens, tratando-os com desprezo e soberania infatuado de importancia mal entendida, porque os bons sentimentos, a intelligencia e a nobreza d'alma — isso tudo que eleva o homem, esse dom precioso que vem do céu — Deos não o prodigaliza a todos: por tanto, pois, tenhamos pena do individuo que se ostenta de grande, quando uma tal grandeza só lhe vem do ouro.

O subdelegado descende de boa familia, porém os pais se descuidaram da educação do filho, e por consequente Apollinario Lopes (assim se chama esse juiz) teve a infelicidade de ser um homem sem conhecimentos, mal apenas sabendo ler, como já atraz dissemos.

Dissemos tambem que Apollinario não tem cor politica e hostiliza ambas as parcialidades — conservadora e liberal —; muitas vezes deixa de punir o crininoso para torturar o innocente só porque é escravo do seu capricho — e o capricho não é nada: menos — que uma birra com o individuo com quem não se sympathisa.

Gaba-se de ser juiz imparcial, e que administra a policia com energia; mas isso nega-se na cidade; Apollinario, a maior parte das vezes pelo empenho, commette faltas escandalosas, faltas que, se se patenteassem, degradarião o funcionario e envergonharião a nação.

Infeliz povo que tem tal autoridade!

E há ainda no nosso paiz juizes assim, benevolo leitor, juizes que abusando do poder da justiça, como o sacrilego que zomba das leis sagradas da natureza, calcam aos pés as nossas leis, desrespeitam os supremos poderes do Estado e accommettem a Constituição e a Liberdade e...

ficam impunes... não são responsabilisados, e a despeito de tudo continuam incolumes n'esses empregos, e ainda para cumulo do vexame — elogia-se seus serviços como a cidadãos prestantes!!!

Apollinario Lopes é —o que verdadeiramente se diz — um despota de aldeia, que, revestido do poder da justiça, pratica tudo quanto quer.

Relaciona-se muito com o capitão João Antonio, unico individuo que se diz ser seu amigo intimo, e a quem dobra a sua absoluta vontade.

Quanto ao escrivão João Rodrigues, só temos a acrescentar ao leitor, que é um pobre velho de pouca intelligencia, não muito fiel ao segredo da justiça, visto como em boa fé, tambem em segredo, revelava o sigillo sagrado a alguma pessoa de sua confiança, não se incomodando por isso da responsabilidade em que incorria.

João Rodrigues é enfim um escrivão simplorio, e por consequencia uma ou outra vez commettiá erros involuntarios.

Empregado rotineiro, como vulgarmente se diz, não é expedito no officio que occupa de escrivão do juiz de paz e da subdelegacia.

O pobre homem sustenta não pequena familia com o magro lucro de seu emprego.

Agora que o leitor já conhece o juiz e o escrivão, vamos em seguimento d'este, e vejamos o que se passa.

João Rodrigues, raivoso contra Apollinario, caminha como que tendo na idéa mil pensamentos de viugança, pois que bellamente sabe que o subdelegado é pre-verificador e máo, e assim podia-lhe fazer muito mal denunciando-o á autoridade competente: mas em quanto estes pensamentos passavam por sua mente, esbarrou á alguma distancia da casa de Apollinario

com o capitão João Antonio, que é muito seu conhecido, o qual lhe diz logo:

— Oh lá, Sr. Rodrigues! vai tão cabisbaixo o que lhe aconteceu?

O escrivão estacou de subito, como surpreso, fixou o capitão e murmurou:

— Ah! senhor! quanto estimo encontrar a V. S., quanto estimo!

— Então, há alguma novidade, Sr. Rodrigues?

— Sim, senhor capitão, aquelle subdelegado, d'uma figa desautorison-me! disse-me cousas... cousas que... nem é bom fallar-se...

E o escrivão ao balbuciar estas palavras, sentio de novo a raiva tomar lhe o peito, e querendo provar a João Antonio que esse juiz era indigno de sua amizade, accrescentou cheio de pezar:

— Senhor capitão, retire as suas relações com aquelle homem; olhe V. S., que elle não é seu amigo, e a prova d'isto tenho aqui na algibeira.

— O que é lá isso, Sr. Rodrigues? volvou João Antonio empallidecendo.

— Sim, senhor, aqui na minha algibeira, repito, esta a prova.

— Vamos lá, Sr. Rodrigues, estou ardendo por saber essa novidade, retorquiu o capitão em voz agitada.

— Aquelle subdelegado, resmungou Rodrigues rai-voso, disse-me barbaridades, senhor! palavras feias!

— Senhor escrivão, eu só quero saber da novidade; pouco ou nada me importa a sua zanga com Apollinario.

— Pois vou já patentear á V. S.; mas aqui no meio da rua pode alguém nos ouvir, vamos ali n'aquelle becco.

E Rodrigues dirigio-se com o capitão a um becco proximo, no canto do qual havia uma casa deshabitada.

Ahi paráram.

— Então, Sr. Rodrigues?

— Olhe, senhor capitão; aquelle subdelegado des-honrou as miuhas barbas, chamou-me de... de... oh! nem quero....

— Sr. Rodrigues, já lhe disse que só quero saber a novidade!

— Mas, aquelle homem....

— Peior é a teima, senhor escrivão.

— Senhor, aquelle subdelegado de um dardo vai mandar prender a Gonçalo, o Capador.

— O que é que diz, homem?! balbuciou João Antonio em sobresalto.

— Sim, senhor, tenho aqui o mandado para a sua prisão.

— E qual é o seu crime, Sr. Rodrigues?

— O seu crime é... é ter furtado dois escravos lá na cidade de P***, d'onde veio uma deprecada.

O capitão empallideceu de novo, accrescentando em voz agitada:

— E... que mais?

— E, senhor capitão, disse Rodrigues parvamente e tomando a sua pitada, o homem irá para o chilindró esta noite.

— E' isso verdade?

— Veja o mandado, senhor.

E o escrivão tirando o papel d'algibeira patenteou o João Antonio, olhando receioso para um lado e outro do becco.

Felizmente esse lugar estava deserto.

Tranquillizára-se dizendo:

— Leia logo, senhor capitão, em quanto não apparece ninguem.

Este em dois minutos leu o mandado.

— Sr. Rodrigues, ha-de ter uma molhadura pelo serviço que me faz; n'este instante vou mandar Apollinario pôr uma pedra em cima da deprecada, porque elle bem sabe que protejo o Capador, e tanto mais que este hoje é meu camarada.

— Por saber d'isso é que contei a V. S. o segredo, mas, Sr. capitão, o subdelegado que não saiba, porque aquelle maldito é capaz de trancafiar-me na cadeia; é verdade que tenho a faca e o queijo nas mãos, posso vingar-me d'elle... porém...

— Não tenha medo, Sr. Rodrigues, disse João Antonio dobrando o mandado e guardando-o no bolso; até logo.

— Espere, senhor capitão, espere, dê-me o papel.

— Não tenha susto, eu já volto:

— V. S. veja que aquelle homem é capaz de fazer alguma estralada.

João Antonio não deu ouvidos ao escrivão e caminhou apressado para a casa de Apollinario.

João Rodrigues ficou a tremer, boquiaberto, não sabendo o que fizesse.

— Estou perdido! balbuciou afinal, dirigindo-se com passos titubantes á rua onde morava.

— Aquelle homem! aquelle homem bota-me a perder um dia! resmungou ainda Rodrigues pela rua.

O escrivão era pusillanime, e por isso o leitor faça idéa como ia aquella pobre alma, tendo no pensamento o semblante colerico e arrogante de Apollinario!

Acompanhemos a João Antonio.



CAPITULO DECIMO.

**A justiça corrompida ; — o Capador
e a Cegonha.**

O capitão já está na sala do subdelegado.

— Que historias são estas, Sr. Apollinario ? mandar prender a Gonçalo sem participar-me nada ?!

— Eu, senhor capitão, julguei que V. S. não se importava com esse homem, disse o juiz disfarçando o seu embaraço.

— Não gosto d'isto, Sr. Apollinario ; bem sabe que protejo a Gonçalo.

— Não sabia, senhor capitão, não sabia.

— Ora, senhor subdelegado ! voltou João Antonio com sorriso sarcastico, faça-se de esquerdo comigo ; não sabia ! o senhor está mangando.

— Mas, senhor capitão... eu... devéras que...

— Não quero saber de desculpas, Sr. Apollinario, veja o mandado, aqui o tenho.

— Quem o deu a V. S. ?

— João Rodrigues.

— Diabo !

— O que quer dizer com isso, Sr. Apollinario ?

— Elle faltou com o segredo da justiça, e por tanto hei-de responsabilisal-o.

— Qual responsabilidade, senhor subdelegado ! não falle asneiras ! deixe o pobre velho viver em paz.

— Elle faltou-me com o respeito tambem.

— Sr. Apollinario, deixemonos de historias; cheguei aqui para pedir-lhe essa deprecada que tem comsigo.

— A deprecada contra o Capador ?

— Essa mesma.

— O que é que diz, senhor capitão ?

— Quero esse papel e nada mais.

— Mas veja V. S. que...

— Dê-me, Sr. Apollinario, dê-me a deprecada e não se ponha com duvidas.

— Senhor capitão, mas... o escrivão já sabe....

— Se eu lhe ordeno.

— Manda-me V. S. que...

— Ora, Sr. Apollinario, deixe-se de sécca; quero esse papel.

— V. S. sabe que me compromette; porém, como exige... paciencia...

— Quantos compromettimentos tem tido, Sr. Apollinario ?

— Porém aquelle maldito escrivão...

— Não lhe dê isso abalo; eu darei ao pobre diabo algum dinheiro e elle se calará.

— Mas V. S. quer mesmo a precatória ?

— Venha o papel, Sr. Apollinario, já lhe disse; e quando vier outra, lhe peço, me avise, quando não... veja lá... não serei mais seu amigo, eu, que talvez n'estes quinze dias estarei feito commendador. Que honra não terá, senhor subdelegado, tendo um tal amigo! e além d'isso, aquelle negocio...

E João Antonio sorriu-se com altivez; puchando do bolso seu isqueiro de prata, tirou fogo e accendeu o cigarro que tinha atraz da orelha, e principiou a fumar-o.

Que baixeza, benevolo leitor, para um homem que deseja ser commendador tirar o cigarro detraz da orelha!

E quantos homens não há assim! que se presumem de importantes!

— Já que V. S. quer a deprecada, não há outro remedio.

E Apollinario chegando á meza, pegou no papel e accrescentou com submissão :

— Eil-a, senhor.

— Obrigado, Sr. Apollinario, um dia ha-de ter aquillo.

E João Antonio abriu a precatoria, olhou-a alguns instantes e guardou-a depois no bolso da sua jaqueta de merinó preto.

O capitão desprezava o palitot e a sobrecasaca, e por isso vestia jaqueta.

— Como lhe disse ainda agora, Sr. Apollinario, eu n'estes quinze dias serei commendador; o meu freguez lá da cidade do Rio de Janeiro já escreveu-me que arranjava a commenda por quatro contos de reis, quantia que hontem pelo correio autorisei-o a dispender para alcançar-me tão grande honra.

E João Antonio sorriu-se cheio de satisfação e orgulho.

— Desde já dou os parabens a V. S.

— Obrigado, Sr. Apollinario.

— V. S. é digno de tal honra, porque é uma pessoa de importancia n'este município.

— Assim o dizem, senhor subdelegado. E com esta vou retirar-me para a fazenda, pois já é tarde.

— Tão cedo, senhor capitão? V. S. não quer jantar comigo?

— Não, Sr. Apollinario, vou jantar em casa.

E João Antonio despedindo-se do subdelegado sahio.

— Este homem ! este homem ! resmungou Apollinario consigo, tem muito poder sobre mim ! E que remedio senão aguentar-o ! a sua promessa ha-de ser cumprida.

Orientemos o leitor ácerca das relações do capitão com o subdelegado.

Este logo que entrára no exercicio do emprego, apparecera em sua casa João Antonio e tivera com Apollinario uma entrevista, cujo fim era ter a autoridade policial a seu lado, visto como dizia, tinha alguns inimigos com os quaes cumpria andar precavido ; a sua audacia chegou ao ponto de asseverar que recompensaria os serviços que o subdelegado lhe fizesse deixando a este a terça de seus bens, e que havia de ser uma bella quantia.

O subdelegado promettera ao capitão que tudo faria em seu beneficio, e este sahio contente, reiterando a sua promessa.

Apollinario tambem ficára muito satisfeito ; sua consciencia de juiz parcial não o incommodava.

Assim, pois, o Capador, que com effeito aggregára-se a João Antonio a pedido d'este, como seu camarada, estava livre de ser preso, certo de que as precatórias que viessem ao subdelegado iriam parar ás mãos do capitão, como sabe o leitor.

Cinco dias depois da scena que acima descrevemos, á noite, na vendinha do pai Indá, o Capador conversava com a Cegonha, mui baixinho, á um canto da tasca.

Escutemos essa conversa.

— Mãi Cegonha, dizia o ladrão com toda a liberdade, batendo com a mão direita no hombro d'essa mulher ; olha que tu vás lamber alguns priscos, palavra !

— Ah ! meu filho, respondeu a megéra em voz guttural ; tu mangas com tua mãi que...

— Ora,* não me abixornes, mãe Cegonha ; escuta a coizada.

— Eu te escuto, meu filho.

— Conheces a mulher d'aquelle senhor emboaba... que tem uma loja grande lá no canto da rua?

— Oh lá, meu filho ! a mulher do senhor Guimarães, aquella D. Carolina.

— Malhaste no grosso, mãe Cegonha ! é essa mesma.

— Pois que negocio é então, Gonçalo ?

— Espera, espera ; eu já te conto a coizada.

E o Capador tirando a sua masca, pôl-a na bocca, e mastigando o fumo, fallou assim :

— O capitão João Antonio está todo... todo perdido por aquella mulher, é prometteu-me muito côco para uma noite eu furtar essa isca do emboaba. Ah ! mãe Cegonha, é negociada de encher-se a pança.

— Gonçalo, Gonçalo, eu te ajudarei ; diz-me o que é preciso fazer.

— Olha, se tu botares os gadanhos em cima d'essa pombinha...

— Não te entendo, Gonçalo, falla claro.

— Escuta, mãe Cegonha, tu com as tuas lamurias, has-de enrolar a mulher do emboaba, e o passarinho cairá no laço, palavra !

— De que modo, meu filho ?

— Assim em ar de caiapiá, tu te metterás em casa do emboaba, onde se joga tres vezes por semana, mãe Cegonha : entrarás ahí uma noite quando se estiver jogando, e com as tuas cantilênas procurarás caçar a menina.

A Cegonha olhou para o Capador como duvidosa.

— Não capiscas ? disse este sorrindo.

— Não entendo p'faca.

— Mãi Cegonha, eu sou tambem marreco velho e parceiro do jogo, estarei alerta lá na casa do tal Guimarães ; tu, como piolho por costura, záz ! entrarás por ali a dentro, e em quanto o diabo esfregar os olhos, estarás com ella no *cotucum*⁽¹⁾. Tu, que és aranha velha e que prendes moscas em tua teia, palavra !

— Adiante, Gonçalo, adiante.

— Vou eu, por artes de berliques e berloques, traz ! a moça cahirá no apá ! e depois musco pelo quintal, abro o portão e estarei em salva terra.

— Agora, meu filho, é que entendí o riscado.

— Então, mãi Cegonha, serve-te a coizada.

— Isso é um pão por um olho, Gonçalo. Mas quanto me pagas tu por esse trabalho ?

— Olha, eu te darei dez priscos.

— Dez priscos só ?

E a megéra sacudio a cabeça em signal negativo.

— Achas pouco ? mas o côco anda muito *vasqueiro* ⁽²⁾ dez priscos não é biscoito, palavra, mãi Cegonha !

— Está bom, Gonçalo, tu me darás quinze priscos, porque bem sabes que já um dia fui tua... do que o Matheusinho deu o cayaco, ficou perdidinho de ciumes, murmurou a velha rindo-se cheia de malicia.

— Deixa estas historias para o depois, mãi Cegonha ; eu te darei os quinze priscos, a coizada está na unha.

— E para quando marcas isso, Gonçalo ?

— Ha-de ser amanhã de noite, mãi Cegonha, porque haverá jogo em casa do emboaba. Tu irás muito depois do toque de recolhida na cadêa, toma bem sentido, das nove horas em diante.

• (1) Cotucúm — seguro.

(2) Vasqueiro — escasso.

— Tudo comprehendo. Agora diz-me uma cousa, meu filho, como tens-te arranjado com o teu novo patrão ?

— Isso lá é fartura e mais fartura; aquillo na fazenda não é biscoito !

— Quanto te paga por mez o capitão ?

— Assim uma tutaméa de cincoenta priscos.

— Qual é o teu serviço lá ?

— Qual serviço, nem meio serviço, mãe Cegonha ! não faço nada.

— Estás então feito capanga do João Antonio ?

— A-q-u-i, respondeu o Capador, soletrando a palavra.

— Bom emprego, meu filho, bom emprego ; porém o teu costado não está seguro, tem cautela contigo, vê lá, Gonçalo.

— Nada me abixorna, mãe Cegonha, sou raposa velha.

— Diz-me agora outra cousa : porque largaste do teu patrão Leopoldo ?

— Ora porque larguei ! assim em ar de caiapiá. Chegou o capitão e me pediu para que fosse morar com elle, e eu, como sou páo para toda obra, topei.

-- E Leopoldo não zangou-se contigo ?

-- Qual zanga, nem meia zanga !

-- Diz-me mais....

— Mãe Cegonha, volveu o Capador interrompendo a velha e retirando-se, não te respondo mais nada e escafêdo-me por aqui ; olha lá o negocio, heim ?

— Escuta, Gonçalo, escuta! disse a megéra dirigindo-se á porta da venda.

O Capador já estava na rua, e não deu ouvidos á Cegonha.

O pai Indá n'essa noite não estava na tasca.

Durante os dialogos que se deram entre o ladrão e a velha, não apparecera na taberna um só freguez.



O jogo e o rapto frustrado.

Estamos n'uma terça-feira.

E' um dos dias designados para o lansquenet em casa do Sr. Guimarães.

São oito horas da noite mais ou menos.

Há mais de trinta pessoas na sala do negociante, a qual está toda illuminada.

Sobre uma mesa grande, que toma quasi toda a extensão d'essa sala, vê-se consideravel porção de baralhos em diversos massos.

Ali vamos encontrar o capitão João Antonio, Apolinario, Leopoldo de Campos, Epiphanio de Mattos, Fabricio e o Capador; assim mais outros muitos jogadores, que são estranhos d'esta historia, entre os quaes Gonçalo se mette como refianado tratante, não tendo o menor receio do subdelegado, que o olha detravez.

Reina muito borborinho no jogo: todos fallam ao mesmo tempo.

O senhor Guimarães está no centro da mesa, em qualidade de banqueiro.

O dinheiro corre pelas mãos d'esses homens.

— Um conto de reis é a vança, senhores! diz em voz alta o senhor Guimarães.

— Corra ! gritou Leopoldo contando igual quantia e apresentando-a.

Os jogadores fixaram attentos as cartas que o negociante virava.

Este sorrio satisfeito, dizendo logo :

— Benha um rei.

Momentos depois acerescentou cheio de jubilo :

— Azare, sinhori Leopoldo, azare ! Dois contos de reis é a vanca ; quem a queri ?

— Lá vão quinhentos mil reis, disse Apollinario contando as notas.

— E mais trezentos mil reis meus, volveu Epiphanio puchando o dinheiro da algibeira.

— E duzentos mil reis que aqui estão, balbuciou Fabricio.

Outros jogadores inteiraram mais um conto de reis.

— Não queri mandari a vanca, sinhori capitão ?

— Vá lá, Sr. Guimarães, respondeu João Antonio contando os bilhetes do Thesouro.

O banqueiro foi virando as cartas.

Todos redobraram a attenção.

A sorte era propicia ao consocio de Leopoldo, que levantou os quatro contos de reis, dizendo :

— Venha de lá isso, Sr. Guimarães.

Minutos depois gritava este :

— Dez contos de reis é a vanca ! isto, senhores, é vello !

O dinheiro circulava entre os jogadores :

— Faltão ainda cinco contos. O sinhori Leopoldo não manda correri ?

Este sorrindo com significação disse com arrogancia :

— Corra !

Guimarães continuou a virar as cartas.

A fortuna era do ex-professor, que olhando para João Antonio, se comprehenderam.

O Capador sorria satisfeito para o seu antigo patrão, mas Leopoldo fez como se não o visse e guardou apressado a quantia que ganhava.

Gonçalo resmungou comsigo mascando o fumo :

— Hei-de filar-te, companheiro, palavra!

O jogo continuava cada vez mais forte.

Epiphanio e Fabricio já ahi não estavam.

João Antonio sahindo um momento da meza, fez certo signal ao Capador, que percebeu logo, indo ao lugar para onde se retirava o capitão.

Este tinha ido para o corredor.

Disse algumas palavras ao ouvido de Gonçalo, que sacudia a cabeça em signal de obdiencia ao seu amo.

N'essa mesma occasião entrava pelo corredor uma mulher de baeta preta á cabeça, que entreparando perto do Capador, trocou algumas palavras inintelligiveis com este, que a entendêra, fazendo-lhe um acêno com a mão como quem diz =pode entrar.

Essa mulher, que não era outra senão a Cegonha, desapareceu n'um instante d'esse lugar.

João Antonio de novo fôra collocar-se á meza.

O Capador, por despeito mesmo a Apollinario, foi se pôr bem junto d'este.

O subdelegado fixou-o com soberania e parecendo contrariado, carregou o sobr'olho e disse de si para si:

— Que insolencia! um ladrão estar jogando ás barbas da autoridade!... ah! que se não fosse a promessa de João Antonio, tu estarias hoje com grossa corrente ao pescoço!

E logo procurou outro lugar, olhando de travez para o Capador.

Gonçalo sorriu-se de Apollinario e fez pouco caso de sua autoridade.

Deixemos o jogo e acompanhemos agora os dois amigos, Epiphanio e Fabricio, que estavam parados na rua, á alguma distancia da casa do negociante, conversando em tom baixo e ambos fumando.

— Quanto perdeste, Fabricio?

— Trezentos mil reis. E tu, Epiphanio!

— Quinhentos mil reis, e assevero-te que n'aquelle jogo há ladroeira.

— Julgas isso?

— Sim, Fabricio, aquelles baralhos...

— Tem o que quer que se diga, alguma patota.

— E' verdade, e tanto assim que os ganhadores são só tres, os mesmos que instituíram o jogo. Ali, pois, não vou mais, Fabricio.

— E nem eu tão pouco, Epiphanio.

— Admira-me que o subdelegado esteja tambem jogando lá, o subdelegado que não deve consentir jogos, maxime o lansquenet!

— O que se pode esperar de um homem como Apollinario?

— Foi aviltamento mesmo para a nossa cidade, onde há tantas pessoas intelligentes para occuparem empregos, a nomeação de semelhante individuo! Mas, Fabricio, não tratemos mais d'isto. Quero te contar uma cousa.

— O que é, Epiphanio?

— Olha, eu vou ter uma entrevista com Carolina, lá no portão do seu quintal.

— Estás louco, Epiphanio?

— Ella já está prevenida.

— A que horas?

— Das nove em diante.

— Já são mais de nove horas, Epiphanio.

— Vejamos o relógio.

E Epiphanio tirou o relógio da algibeira, e chegando-o ao charuto que tinha na boca, chupando com força o fumo, ponde, á claridade do fogo, distinguir que horas eram.

— Faltam cinco minutos para as dez, disse.

— Então, Epiphanio, vou te deixar, e... cautela!

— Espera, Fabricio, espera, quero te pedir um obsequio.

— Falla.

— Escuta, a minha demora é muito pouca; apenas direi duas palavras a Carolina.

— E então?

— Tu irás comigo.

— Eu?!

E Fabricio deu uma pequena risada.

— Sim, tu mesmo.

— O que é que dizes?

— Não tomes o negocio em caçoadá.

— Mas, Epiphanio, isso não tem proposito... eu ser testemunha de uma entrevista amorosa!

E Fabricio rio-se ainda tomando o negocio em ar de graça.

— Presta-me attenção, retorquiu Epiphanio em tom grave; não sei o que me presagia a alma, Fabricio, não sei, se não fosse ter promettido a Carolina...

— Pois já que estás impressionado, deixa-te d'essa entrevista.

— Mas, Fabricio, não posso faltar ao que prometti, e apesar d'esse presentimento...

— Os presagios, Epiphanio, muitas vezes são fataes!

— Não importa, Fabricio; se fôr a vontade do meu destino, cumprir-se-há. Prevendo qualquer coisa que me possa acontecer, te rogo me acompanhes, não é preciso chegares ao portão.

— Epiphanio; eu vou, porém ficarei lá no canto do muro.

— Obrigado, Fabricio. Vamos.

E os dois jovens encaminharam seus passos para o lado do quintal do senhor Guimarães.

Instantes depois chegaram, Epiphanio ao portão e Fabricio ao canto do muro, podendo assim este acudir ao amigo em caso de necessidade.

Ouvio-se de repente rumor de passos, e no mesmo momento o portão se abre com estrepito e a sombra de um homem apparece ahi.

Epiphanio reconheceu logo que esse vulto trazia uma mulher as costas.

O seu primeiro pensamento foi em Carolina.

E com presteza pucha uma pistola, de que se achava munido e a engatilha, dizendo com força e valor:

— Quem quer que seja, se der um passo, morre!

O vulto estacou no portão, murmurando:

— Palavra! que este me abixorna!

Fabricio ouviu a voz de Epiphanio e correu em soccorro do amigo.

— Se deres um passo, repito-te, malvado, morres no mesmo instante!

O joven não podia reconhecer quem era o vulto, pois que a noite era escura.

— O que é isto, Epiphanio?! o que é isto?! articulou Fabricio chegando cheio de susto.

— Larga malvado, larga d'essa mulher, quando não...

E o amante de Carolina levou o cano da pistola á cabeça do desconhecido.

Este sentindo o contacto frio do ferro, disse, sem fazer o mais pequeno movimento :

— Estou no apá, e em ar de caiapiá perdi a coisa.

— O que querias com esta mulher, tratante ?

— Falla depressa, maldito ! acudio Fabricio juntandose ao seu amigo.

— Ajoelhei no capim, resmungou o vulto largando a mulher no chão.

E em quanto Epiphanio e Fabricio o reconheciam, o raptor desapareceu n'um momento,

Era com effeito Carolina que se aclava ahí.

A moça tinha a bocca tapada por um lenço e parecia desmaiada.

— Carolina ! Carolina ! murmurou Epiphanio com emoção reconhecendo sua amada e tirando-lhe o lenço da boca ; sou eu que estou ao pé de ti !

— Epiphanio ! Epiphanio ! onde estás ? livra-me d'aquelle homem ! tenho medo d'elle ! respondeu a moça com voz desfallecida e como tornando a si do desmaio.

— Elle já se foi, Carolina.

— Meu Deos ! acóde-me, Epiphanio !

— Socego, Carolina, o teu raptor desapareceu. 1

— O que dizes ?

— A verdade, Carolina.

Fabricio logo que vira o amigo fóra de perigo, retirára-se d'esse lugar indo collocar-se ao canto do muro, onde antes estava.

— Falla-me, Epiphanio, falla-me, retorquiu a moça tremula de terror ; o perverso já se foi ?

— Sim, Carolina, elle intimidou-se da minha pistola.

— Mas...

O joven interrompendo a sua amante, disse:

— Não tenhas receio algum, tranquillisa-te e diz-me uma cousa.

— Eu confio em ti, Epiphanio, porém....

— Carolina, Carolina! como te deixaste raptar por esse homem?

— Escuta, Epiphanio, escuta... balbuciou a moça mui baixinho, apertando vivamente as mãos do amante; vou retirar-me, porque estou cheia de receios. Satisfazendo o que me pedes só te digo, que aquelle malvado entrou de subito sem que o presentisse, porque eu conversava com uma mulher velha; e quando o senti junto a mim ia gritar por soccorro, mas o maldito com suas mãos de ferro tapou-me a bocca, e a velha, em vez de ajudar-me, atirou-se a mim furiosa; então vi-me perdida, e no mesmo instante apertaram-me com força um lenço por toda a cara, faltou-me a respiração e desfalleci. Agora deixa-me, Epiphanio, deixa-me... porque tenho medo; perdôa-me o não estar mais alguns minutos contigo.

E Carolina retirando apressada suas mãos das do mancebo, desapareceu n'esse instante do portão.

Epiphanio conheceu logo que a esposa do senhor Guimarães tinha a alma muito perturbada, por isso não a reteve e sahio do portão, com o pensamento emaranhado em mil idéas.

O rapto de Carolina era um mysterio para o joven.

D'ahi a pouco elle se juntando com o amigo, desappareciam da rua.

Fabricio ia muito impressionado da scena que acabava de presenciar.

Ó Capador, que o leitor já terá conhecido, não levou a effeito o seu projecto, raptando a mulher do senhor Guimarães. Fôra, pois, o destino de Carolina que a favorecêra, fazendo com que a joven marcasse a entrevista a seu amante na mesma noite e ás mesmas horas em que Gonçalo, capanga do capitão, tencionava executar o seu plano.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO.

O capitão está amoroso. — Leopoldo tem ante o pensamento o quadro dourado da felicidade.

Levemos agora o leitor á fazenda de João Antonio. Dois dias se hão passado depois da scena que acabámos de referir. Apenas são seis horas da manhã. O capitão fuma um cigarro, conversando na sala com o Capador.

Este, como é seu velho costume, máscra fumo.

— Patrão, como safou-se vossuncê hontem lá no lasquiné?

— Ganhei, Sr. Gonçalo, porém quero saber porque...

— O patrão espere... não sabe quanto rapou o patrão Leopoldo?

— Não sei, homem... o que foi que lhe encarreguei?

— Pois veja vossuncê que aquelle patrão lambeu muito dinheiro, palavra! e eu tambem entro na sucia a pé de gallo!

— Que sucia, homem? murmurou João Antonio tragando o fumo do cigarro; eu quero saber porque não cumprio as minhas ordens?

— *Escuite* lá, patrão: o negocio que vossuncê me encommendou ia dar comigo na casa do Ignacio; a fria rolou-me pela testa.

— Explique-se, homem.

— Palavra, patrão! que quasi cahi no apá.

— Se não é valente, para que diz que o é, Sr. Gonçalo? voltou o capitão em tom raivoso.

— Ora patrão! não falle assim, que fico todo levado... levado da bréca! resmungou o Capador como ferido em seu orgulho de valetia.

— Estou brincando, Sr. Gonçalo, estou brincando; Vmc. deu o cavaco atôa, redarguiu João Antonio disfarçando o receio que de repente teve do seu capanga.

— Isso lá agora, patrão, é outro *causo*, medo não é cá comigo.

— E porque não me trouxe a moça, Sr. Gonçalo?

— Foi a pistola d'aquelle fedêlho que me abixornou, patrão, palavra!

— Que fedêlho é esse?

— Vossuncê não conhece esse boneco que se chama Epiphânio?

— Conheço, Sr. Gonçalo, pois o que lhe fez elle?

— Ora o que me fez elle, patrão! encostou-me a boca da fria na cara, e em quanto o diabo esfregou o olho, assim em ar de *tenhem-nhem-no* masque... coxilaria no capim.

— Bocca da fria... o que quer dizer com isso, homem?

O Capador rio-se e disse, virando o fumo na boca:

— O patrão não me entende, olhe vossuncê, que a fria quando estoura, palavra, que não é chalaça!

— E por isso deixou escapar a moça?

— E que volta, patrão? se vossuncê se visse no meu lugar havia de ver a coizada, a pé de gallo!

— Então foi o tal Epiphânio quem lhe pôz a pistola á cara?

— Foi elle sem tirar nem pôr, patrão.

— Diabo! resmungou João Antonio cheio de raiva e atirando a ponta do cigarro ao chão.

E calou-se alguns instantes, como quem pensava.

O Capador ficou também em silencio, fixando a seu amo.

O capitão machinava na mente um plano de vingança contra o amante de Carolina, accrescentando logo ao seu capanga :

— E a moça ficou nos braços d'esse sujeito ?

— Palavra, patrão! que ella se agarrou á elle que nem sangue-chuga.

O Capador não fallava a verdade, porque no momento em que sentio a arma de Epiphanio á cara, largou da moça no chão e desapareceu.

— Caro me ha-de pagar esse criançola, voltou João Antonio em certo tom que foi logo comprehendido por seu capanga, que disse cuspiendo o caldo do fumo no assoalho e alimpando o canto da bocca com as costas da mão direita :

— Deixe por minha conta o bixinho, patrão.

— Sr. Gonçalo, mande ensilhar os nossos animaes para irmos á cidade; tenho lá muita cousa a tratar hoje.

— Quer já n'este baque, patrão?

— Já n'este instante.

O Capador sahio immediatamente, certo de que o capitão ia procurar meios de vingar-se de Epiphanio pelo mal que lhe tinha feito, frustrando o rapto de Carolina.

João Antonio pensava na esposa do senhor Guimarães e protestava de si para si conseguil-a á todo custo.

O capitão tendo muita liberdade em casa do negociante,

principiou a ser tentado pelo amor, achando Carolina muito bella, e á proporção que os dias se iam passando, sentia o fogo de Cupido ir-lhe incendiando o peito, a ponto mesmo de sonhar com essa moça que lhe apparecia cheia de seducções. Os sonhos de fidalguia e grandezas pouco a pouco fôram deixando a phantasia de sua imaginação.

João Antonio, apesar de ser homem grosseiro e mal educado, no entanto não podia comprehender como essa moça, tão linda, consentio em dar sua mão ao senhor Guimarães, esse emboaba a quem o capitão muitas vezes chamava de —rombúdo,

João Antonio dirigio-se á uma janella da sala, da qual avistava a campina, onde o Capador acompanhado de um moleque fôra buscar os animaes.

Pensava ainda em Carolina, quando sentio uma doce pancadinha nas costas.

O capitão virou-se logo e deu com os olhos na sua *caseira*.

— Oh! és tu? resmungou raivoso.

— Gente! mecê anda muito bravo, nho João, me descubra seu peito.

— Moça, deixa-me! hoje não estou para ouvir-te.

— Mas, nho João... se eu...

— Já te disse que...

— Mecê, devéras, que anda de ponta comigo, meu homem?

— Deixa-me... deixa-me, moça, hoje não estou disposto para te dar sécca.

— Pois o que mecê tem então? continuou Catharina olhando para João Antonio como se tomasse a sua resposta em méro gracejo.

— Retira-te!

— Porém, mecê....

— Peior!

— Desde aquelle dia que nho João me quiz....

— Sahe d'aqui, mulher! senão... tu me conheces!

E o capitão retirou-se bruscamente da sala, deixando a caseira muito contrariada, que raivosa olhando para o lado onde ia o seu *companheiro*, murmurou com mysterio :

— Mecê vai todo chibante... pois, meu homem... o dia ha-de chegar, e o seu dinheiro *não comprará a justiça!*

E um sorriso de vingança pairou nos labios d'essa mulher, cujo semblante era ameaçador.

Ella desapareceu da sala.

Se João Antonio visse este sorriso, por certo que ficaria incommodado.

Minutos depois elle se dirigio á cidade em companhia do Capador.

Foram parar á casa de Leopoldo de Campos.

O capitão apeando-se do animal foi entrando pelo corredor a dentro, dizendo em voz alta:

— Adeos, Sr. Leopoldo.

No mesmo instante este respondeu do interior da casa :

— Pode entrar, meu capitão.

João Antonio entrou, indo encontrar-se com Leopoldo na sala de jantar.

Ahi se cumprimentaram.

O capitão sentou-se logo n'uma cadeira.

Leopoldo sentou-se tambem.

Eram apenas nove horas da manhã, e o ex-professor ainda não tinha almoçado.

— Senhor capitão, disse Leopoldo sorrindo, vem saber quanto lhe toca na partilha do lansque.....

— Oh! voltou João Antonio em tom grave, bem sabe que não faço conta de dinheiro, não é atraz d'isso que vim aqui... é negocio muito differente.

— Ah! fez Leopoldo com certo sorriso de prazer secreto.

— O senhor conhece aquelle rapaz Epiphanio?

— Muito, senhor capitão?

— Esse esturdio em que se emprega?

— Em cousa nenhuma, meu amigo; come o resto de sua herança.

— Elle mora com sua mãe?

— Não, senhor.

— Então pode ser recrutado?

— Recrutado?!

— De que admira-se, Sr. Leopoldo?

— Recrutar-se um moço que não está nas circumstancias d'isso!

João Antonio, não gostando da resposta de Leopoldo, carregou o sobr'olho e disse mui positivo;

— Sr. Leopoldo. eu quero perder a esse boneco, quero vingar-me... porque...

— Oh! oh! murmurou Leopoldo admirado.

— Sim, quero vingar-me...

— Epiphanio insultou a V. S.?

— Fez-me um grande mal.

— O que foi?

— Eu lhe conto tudo, Sr. Leopoldo, porém o negocio que não passe de nós, do contrario serei seu inimigo; e o Sr. bem conhece....

— Eu guardarei o segredo, meu capitão, guardarei.

João Antonio puchou seu isqueiro de prata, tirou fogo e accendeu o cigarro, que estava atraz da orelha, e o foi fumar, contando ao seu socio de jogo a sua

paixão pela esposa do senhor Guimarães, concluindo pelo rapto da moça, o qual frustrara-se, sendo Epiphanio a causa d'isso.

Leopoldo ouviu com secreta satisfação a João Antonio e disse consigo :

— Optimo partido tirarei d'esta intriga ; o fio d'ella ha-de ser cumprido, porém o meu trabalho será bem pago.

E depois accrescentou alto :

— E V. S. o que pretende fazer ?

— Mandar o subdelegado recrutar a Epiphanio.

— Não, meu amigo capitão, não acho isto bom ; temos outro meio muito mais seguro.

— Qual é, Sr. Leopoldo ? retorquiu João Antonio com presteza.

— Olhe, meu amigo, eu armarei uma intriga entre o Guimarães e Epiphanio, e o fim d'essa intriga ha-de ser funesto a este. V. S. tomará a praça sem queimar um só cartucho.

— Será possível isso, Sr. Leopoldo ? interrogou João Antonio como duvidoso.

— Deixe tudo por minha conta, meu capitão, e dou-lhe palavra que a bella Carolina....

— Será minha... não ?

— Sim, será sua, meu amigo, será sua... fique certo, tudo farei.

— E terá uma boa recompensa, Sr. Leopoldo ; olhe lá... uma boa recompensa... porém quero brevidade no negocio.

— Muito breve darei principio á intriga, fique tranquillo, meu amigo ; a esposa do Guimarães, repito, será sua.

E um sorriso de satisfação assomou aos lábios de João Antonio, que disse, fumando o seu cigarro.

— Fico certo, Sr. Leopoldo, fico certo. Agora vou á casa do Apollinario visital-o, e depois voltarei aqui para conversarmos ainda.

— Vamos almoçar, meu capitão.

— Não, Sr. Leopoldo, almoçarei com Apollinario.

E João Antonio, sem mais cumprimentos, foi sahindo pelo corredor.

Leopoldo ficando só murmurou com alegria :

— Boa estrella presidio o meu nascimento ! tenho de ser rico ; o plano é bello e o triumpho é certo. Maria— a linda Flôr-de-Abril— fará as delicias de minha vida!

Depois dirigindo-se ao seu quarto, murmurou em tom sarcastico :

— Deixa estar, meu capitão das inxundias, que teu amor caro te sahirá !

D'ahi a pouco o ex-professor almoçava, cheio de regosijo, tendo ante o pensamento o quadro dourado da felicidade.

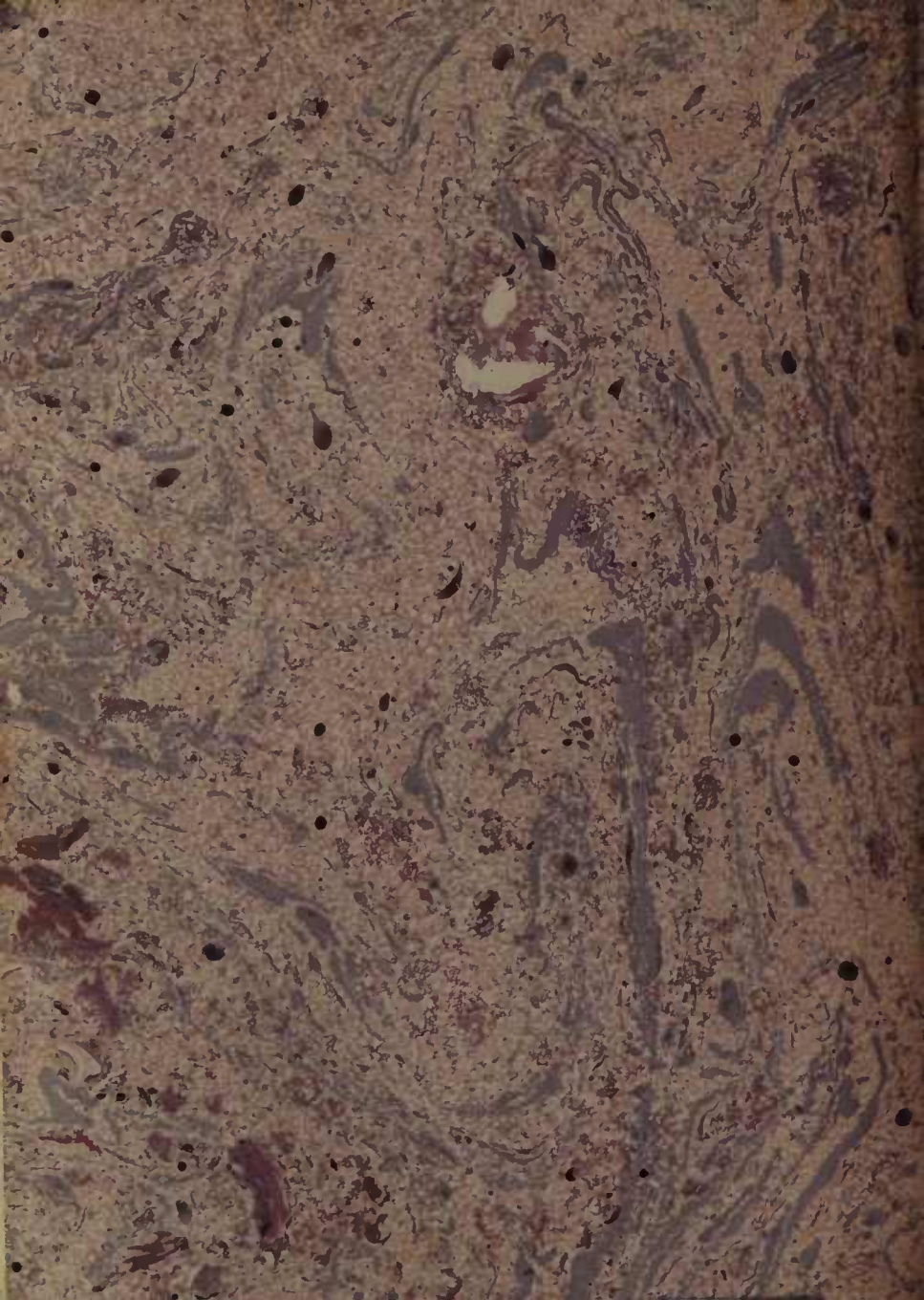
INDICE.

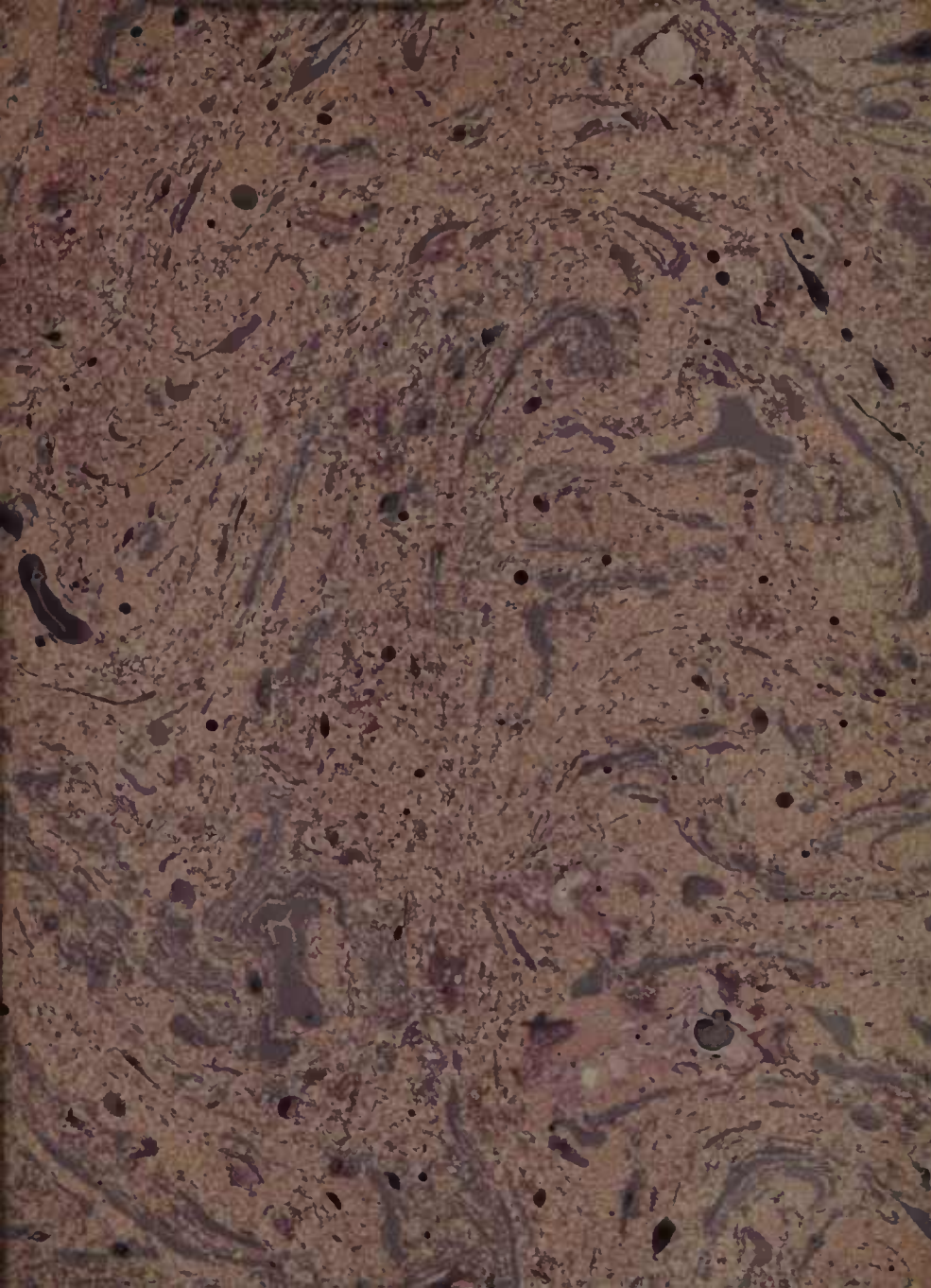
PRIMEIRA PARTE.

CAP. I. Os dois consocios	Pag.	5
CAP. II. As consequencias de uma demanda . . .		15
CAP. III. O viajante mysterioso		26
CAP. IV. A tasca do pai Indá		34
CAP. V. Soccorro mysterioso		43
CAP. VI. A esposa adultera		50
CAP. VII. A sociedade do lansquenet; — o senhor Guimarães.		59
CAP. VIII. A entrevista		68
CAP. IX. O subdelegado, João Antonio e o escrivão		77
CAP. X. A justiça corrompida; — o Capador e a Ce- gonha		86
CAP. XI. O jogo e o rapto frustrado		94
CAP. XII. O capitão está amoroso. — Leopoldo tem ante o pensamento o quadro dourado da felici- dade		103

ERRATAS.

			ERROS.	EMENDAS.
Pagina	48	linha	23 —sahires—	sahirdes.
«	48	«	33 —te abenço—	vos abenço.
«	49	«	6 —e disse—	disse.
«	77	«	1 —se hão—	se há.
«	103	«	2 —se hão—	se há.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).